

Nossa parte de noite

Mariana Enriquez

Tradução de Elisa Menezes



Sumário

[Avançar para o início do texto]

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Prêmio

Epígrafe

As garras do deus vivo, janeiro de 1981

A mão esquerda

O Dr. Bradford entra na Escuridão, Misiones, Argentina, janeiro de 1983

A coisa má das casas sozinhas, Buenos Aires, 1985-1986

Círculos de giz, 1960-1976

O poço de Zañartú, por Olga Gallardo, 1993

As flores negras que crescem no céu, 1987-1997

Agradecimentos

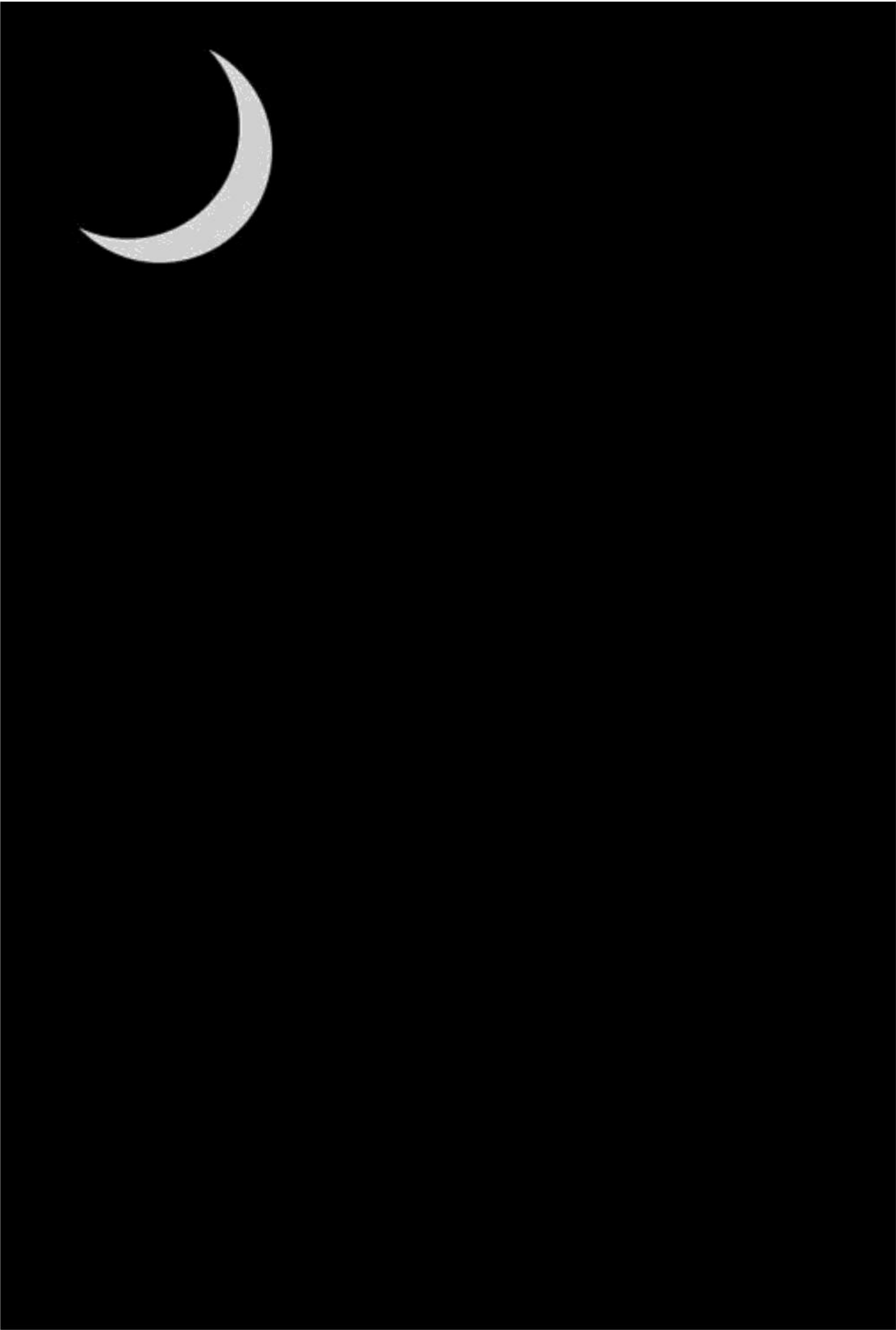
Sobre a autora

Leia também

No dia 4 de novembro de 2019, um júri composto por Lluís Morral, Gonzalo Pontón Gijón, Marta Sanz, Juan Pablo Villalobos e a editora Silvia Sesé concedeu o 37º Prêmio Heralde de Novela a *Nossa parte de noite*, de Mariana Enriquez.

Quem é essa terceira pessoa a caminhar sempre a teu lado?

T. S. ELIOT, *A terra devastada*



As garras do deus vivo, janeiro de 1981

Creio que perdemos a imortalidade porque a resistência à morte não evoluiu; seus aperfeiçoamentos insistem na primeira ideia, rudimentar: manter vivo o corpo inteiro. Só deveríamos buscar a conservação daquilo que interessa à consciência.

Adolfo Bioy Casares, *A invenção de Morel*

Eu gritei: “Saia das sombras, rei das unhas de ouro!”

W. B. Yeats, *The Wanderings of Oisín*

Tanta luz naquela manhã e o céu limpo, apenas alguma mancha branca no azul quente, mais parecida com um rastro de fumaça do que com uma nuvem. Já era tarde e precisava sair e aquele dia de calor seria idêntico ao seguinte: se chovesse e chegasse a umidade do rio e o sufoco de Buenos Aires, jamais seria capaz de deixar a cidade.

Juan engoliu a seco um comprimido para evitar a dor de cabeça que ainda não sentia e entrou na casa para acordar o filho, que dormia coberto por um lençol. Vamos embora, disse-lhe enquanto o sacudia de leve. O menino acordou imediatamente. Outros meninos teriam também esse sono tão superficial, tão alerta? Lava o rosto, disse-lhe, e tirou cuidadosamente as remelas de seus olhos. Não havia tempo para tomar café da manhã, podiam fazer isso durante a viagem. Carregou as bolsas que já havia preparado e hesitou um momento entre vários livros até que decidiu pegar mais dois. Viu as passagens de avião sobre a mesa: ainda tinha aquela possibilidade. Podia se deitar e esperar a data do voo, dentro de alguns dias. Para evitar a preguiça, rasgou as passagens e as jogou no lixo. O cabelo comprido o fazia transpirar na nuca: ia ser insuportável sob o sol. Não tinha tempo de cortá-lo, mas procurou a tesoura nas gavetas da cozinha. Quando a encontrou, colocou-a na mesma caixa plástica em que levava os comprimidos, o medidor de pressão arterial, a seringa e algumas ataduras, primeiros socorros básicos para a viagem. Também a sua faca mais afiada e o saco cheio de cinzas que finalmente ia usar. Carregou o tubo de oxigênio: ia precisar dele. O carro estava fresco, o courino não tinha absorvido muito calor durante a noite. Colocou o isopor, com gelo e dois sifões de soda gelada, no banco do passageiro. O filho teria que viajar no banco de trás, embora o preferisse a seu lado; mas era proibido e não podia ter nenhum tipo de

problema com a polícia ou com o exército, que vigiavam as estradas de forma brutal. Um homem sozinho com um garoto podia levantar suspeitas. Os repressores eram imprevisíveis, e Juan queria evitar incidentes.

Gaspar, chamou, sem levantar muito a voz. Como não obteve resposta, entrou na casa para buscá-lo. O garoto tentava amarrar os cadarços dos tênis.

— Que confusão você fez — disse, e se agachou para ajudá-lo. Seu filho chorava, mas não pôde consolá-lo. Gaspar sentia falta da mãe, ela fazia aquelas coisas sem nem pensar: cortar as unhas, pregar os botões, lavar atrás das orelhas e entre os dedos dos pés, perguntar se ele havia feito xixi antes de sair, ensinar a dar um nó perfeito com os cadarços. Juan também sentia falta dela, mas não queria chorar com o filho naquela manhã. Está levando tudo o que quer?, perguntou. Não vamos voltar para buscar nada, estou avisando.

Fazia muito tempo que não dirigia tantos quilômetros. Rosario sempre insistia para que ele dirigisse ao menos uma vez por semana, para não perder o costume. O carro ficava pequeno para Juan assim como quase tudo: as calças curtas, as camisas apertadas, as cadeiras desconfortáveis. Verificou se o guia do Automóvel Clube estava no porta-luvas e deu partida.

— Estou com fome — disse Gaspar.

— Eu também, mas vamos parar para tomar café num lugar incrível. Daqui a pouco, está bem?

— Se eu não como, vomito.

— E eu fico com dor de cabeça se não como. Aguenta. Falta pouco. Não olha pela janela que vai ficar mais enjoado ainda.

Ele próprio se sentia pior do que queria admitir. Os dedos das mãos formigavam, e reconhecia as palpitações erráticas da arritmia no peito.

Endireitou os óculos escuros e pediu a Gaspar para contar a história que havia lido na noite anterior. Aos seis anos já sabia ler muito bem.

— Não me lembro.

— Lembra, sim. Eu também estou de mau humor. Vamos tentar mudar isso juntos ou vamos fazer a viagem inteira com cara de bunda?

Gaspar riu porque ele havia dito “bunda”. Depois contou sobre uma rainha da selva que cantava quando caminhava entre as árvores e a quem todos gostavam de ouvir. Um dia vieram soldados, e ela parou de cantar e se tornou uma guerreira. Foi pega, passou uma noite presa e fugiu, mas para fugir teve que matar o guarda que a vigiava. Como ninguém quis acreditar que tinha força para matá-lo, pois era muito magra, acusaram-na de ser bruxa e a queimaram, amarraram-na a uma árvore que pegou fogo. Mas pela manhã, em vez do corpo, encontraram uma flor vermelha.

— Uma árvore de flores vermelhas.

— Sim, uma árvore.

— Você gostou da história?

— Não sei, me deu medo.

— Essa árvore se chama ceibo. Por aqui não tem muitas, mas, quando vir alguma, eu te mostro. Perto da casa dos seus avós tem um montão.

Pelo retrovisor viu que Gaspar franzira o cenho.

— Como assim tem muitas?

— É uma lenda, já te expliquei o que é uma lenda.

— Então a garota não existe?

— O nome dela é Anahí. Talvez ela tenha existido, mas a história das flores é contada para lembrá-la, não porque tenha acontecido de verdade.

— Então aconteceu de verdade ou não?

— As duas coisas. Sim e não.

Ele gostava de ver como Gaspar ficava sério e até bravo, como mordida

o canto da boca e abria e fechava a mão.

— Agora também queimam as bruxas?

— Não, não mais. Mas também não há muitas bruxas agora.

Era fácil sair da cidade num domingo de janeiro pela manhã. Antes do que esperava, os prédios ficaram para trás. E as casas baixas e as de chapa metálica das favelas da periferia. E de repente apareceram as árvores e o campo. Gaspar já estava dormindo e o sol queimava o braço de Juan como o de um pai comum em um fim de semana de clube e passeio. Mas ele não era um pai comum, as pessoas às vezes sabiam disso quando o olhavam nos olhos, quando falavam um pouco com ele, de alguma forma reconheciam o perigo: ele não conseguia ocultar o que era, não era possível esconder algo assim, não por muito tempo.

Estacionou em frente a um bar que anunciava *submarinos* e *medialunas*. Vamos tomar café, disse ele a Gaspar, que acordou imediatamente e esfregou os olhos azuis, enormes, um pouco distantes.

A mulher que limpava as mesas tinha toda a pinta de ser a dona do lugar e de ser afável e fofoqueira. Olhou para eles com curiosidade quando se sentaram longe da janela, perto da geladeira. Um menino com seu carrinho em miniatura na mão e seu pai, que media dois metros e tinha o cabelo loiro chegando aos ombros. Limpou a mesa deles com um pano e anotou o pedido em um bloco de papel, como se o bar estivesse cheio. Gaspar quis um *submarino* e um pão doce recheado com doce de leite; Juan pediu um copo d'água e um sanduíche de queijo. Tirou os óculos escuros e abriu o jornal que estava sobre a mesa, embora soubesse que as notícias importantes não saíam na imprensa. Não havia notícias dos centros de detenção clandestinos, nem dos confrontos noturnos, nem dos sequestros, nem das crianças roubadas. Apenas crônicas sobre o Mundialito que estava sendo jogado no Uruguai, que não lhe interessava. Fingir normalidade às vezes era difícil quando estava distraído, quando

estava tão irremediavelmente triste e preocupado. Na noite anterior havia tentado, mais uma vez, comunicar-se com Rosario. Não conseguiu. Ela não estava em parte alguma, não conseguia senti-la, ela havia partido de uma maneira que para ele era impossível entender ou aceitar.

— Está calor — disse Gaspar.

O menino estava suado, o cabelo, úmido, as bochechas, vermelhas. Juan tocou suas costas. A camiseta estava encharcada.

— Espera aqui — disse, e foi até o carro buscar uma camiseta seca. Depois o levou ao banheiro do bar, para molhar a cabeça, secar o suor e vestir a camiseta, que cheirava um pouco à gasolina.

Quando voltaram para a mesa, o café da manhã e a mulher os aguardavam; Juan pediu outro copo d'água para Gaspar.

— Tem um camping lindo aqui se quiserem se refrescar no rio.

— Obrigado, não temos tempo — disse Juan, tentando soar simpático. Abriu um pouco mais os botões da camisa.

— Estão viajando sozinhos? Que olhos tem este pequeno! Como você se chama?

Juan teve vontade de dizer filho, não responda, vamos comer enquanto a deixo muda para sempre, mas Gaspar disse seu nome, e a mulher, atirada, perguntou com uma voz hipócrita, infantilizada:

— E sua mãe?

Juan sentiu a dor do menino em todo seu corpo. Era primitiva e sem palavras; era crua e vertiginosa. Teve que se segurar na mesa e fazer um esforço para se desprender de seu filho e daquela dor. Gaspar não conseguia responder e olhava para ele pedindo ajuda. Havia comido apenas metade do pão doce. Precisava ensiná-lo a não se apegar assim, nem a ele nem a ninguém.

— Senhora — Juan tentou se controlar, mas soou ameaçador —, mas que porra você tem a ver com isso?

— Só estou puxando assunto, só isso — respondeu ela, ofendida.

— Ah, que ótimo. A senhora se irrita por não ter sua conversinha idiota, e nós sofremos sua indiscrição insistente, de velha fofoqueira. Quer saber? Minha mulher morreu há três meses atropelada por um ônibus que a arrastou por dois quarteirões.

— Eu sinto muito.

— Não. Não sente nada porque não a conhecia e nem nos conhece.

A mulher quis dizer mais alguma coisa, mas se afastou quase choramingando. Gaspar ainda olhava para ele, mas tinha os olhos secos. Estava um pouco assustado.

— Está tudo bem. Termina de comer.

Juan mordiscou seu sanduíche de queijo; não estava com fome, mas não podia tomar o remédio de estômago vazio. A mulher retornou com uma expressão de desculpas e os ombros curvados. Trazia dois sucos de laranja. Por conta da casa, disse, e peço perdão. Não imaginava uma tragédia dessas. Gaspar brincava com seu carrinho vermelho, um modelo novo, com portas e porta-malas que abriam e fechavam, presente de seu tio Luis, enviado do Brasil. Juan obrigou Gaspar a terminar o *submarino* e se levantou para pagar no balcão. A mulher continuava a pedir desculpas, e Juan perdeu a paciência. Quando ela estendeu a mão para receber o dinheiro, ele a segurou pelo pulso. Pensou em lhe enviar um símbolo que a enlouquecesse, que colocasse em sua cabeça a ideia de arrancar a pele dos pés de seu neto ou fazer um refogado com seu cachorro. Conteve-se. Não queria se cansar. Manter em segredo aquela viagem com seu filho já o havia exaurido e teria consequências. Então deixou a mulher em paz.

Gaspar o esperava na porta: havia colocado seus óculos escuros. Quando tentou tirá-los, o menino saiu correndo, rindo. Juan o agarrou perto do carro e o ergueu: Gaspar era leve e comprido, mas não ia ser tão

alto como ele. Decidiu que procurariam um lugar para almoçar antes de seguir para Entre Ríos.

O dia tinha sido exaustivo, apesar da normalidade absoluta de toda a viagem: pouco trânsito, um almoço delicioso em uma churrascaria no caminho e uma sesta à sombra das árvores, a margem refrescada pela brisa do rio. O dono da churrascaria, curioso, também havia puxado conversa com eles, mas como não tinha perguntado sobre sua mulher, Juan decidiu conversar enquanto tomava um pouco de vinho. Havia se sentido mal depois da sesta e durante todo o trajeto até Esquina: o calor era espantoso. Mas agora, enquanto pedia um quarto e tentava fazer o gerente entender que precisava de uma cama de casal para ele e outra de solteiro para seu filho e que não importava o preço, ele se dava conta de que, além disso, podia precisar de ajuda. Pagou adiantado e aceitou que outra pessoa subisse as escadas com as bolsas. No quarto, ligou a televisão para entreter Gaspar e se deitou na cama. Sabia como avaliar o que sentia: a arritmia estava fora de controle, podia ouvir o sopro, aquele barulho de esforço, a náusea das válvulas confusas, seu peito doía, era difícil respirar.

— Gaspar, me passa a bolsa — pediu.

Pegou o medidor de pressão arterial e confirmou que sua pressão estava baixa, o que era bom. Deitou-se na diagonal, a única maneira de seus pés ficarem sobre o colchão, e, antes de tomar os comprimidos e tentar descansar, se possível dormir, arrancou uma folha do bloco de notas que o hotel deixava para os hóspedes na mesa de cabeceira (dizia “Hotel Panambí — Esquina”) e com a caneta escreveu um número.

— Filho, presta atenção. Se eu não acordar, quero que ligue para este número.

Gaspar arregalou os olhos e depois fez beicinho.

— Não chora. É para o caso de eu não acordar, só isso, mas eu vou

acordar, está bem?

Sentiu o coração disparar, como se estivesse acelerando com uma alavanca de câmbio. Ia conseguir dormir? Levou os dedos ao pescoço. Cento e setenta, talvez mais. Nunca havia sentido tanta vontade de morrer como agora, nesse quarto de hotel de interior, e nunca havia sentido tanto medo de deixar seu filho sozinho.

— É o telefone do seu tio Luis. Você tem que discar 9, vai dar um sinal de linha, e aí em seguida você disca o número do tio. Se eu não acordar, você me sacode. E se eu não acordar quando você me sacudir, ligue pra ele. Primeiro para ele, depois para o senhor lá de baixo, o da recepção, entendeu?

Gaspar disse que sim e, apertando o papel na mão fechada, se deitou a seu lado, próximo mas distante o suficiente para não o incomodar.

* * *

Juan acordou suado e sem sonhos. Era noite, mas o quarto estava parcamente iluminado: Gaspar havia ligado a luminária da mesa de cabeceira e estava lendo. Ainda sem se mexer, Juan olhou para ele: o menino tirara seu livro da bolsa e esperava, o papel com o número de telefone estava ao lado, sobre o travesseiro. Gaspar, chamou-o, e o menino reagiu com delicadeza, largou o livro, aproximou-se engatinhando, perguntou se ele estava bem; como um adulto, como tantas vezes lhe perguntaram os muitos adultos que haviam cuidado dele. Juan se sentou e esperou um minuto antes de responder. O coração tinha voltado a um ritmo normal ou ao que para ele era relativamente normal. Não estava agitado, não estava enjoado. Estou bem, sim, respondeu, e sentou Gaspar em seu colo, abraçou-o e acariciou seus cabelos escuros.

— Que horas são?

Gaspar apontou o dedo para o relógio.

— Você já sabe ver as horas, me diz.

— Meia-noite e meia.

Naquela cidadezinha não haveria nada aberto tão tarde para jantar. Ele podia, claro, caminhar até o centro, entrar em algum armazém ou restaurante fechado e fazer o que quisesse, abrir uma porta era muito simples. Mas, se alguém os visse, teria que lidar com essa testemunha. E cada pequeno ato desse tipo se acumulava até se transformar em uma longa e exaustiva cadeia de rastros a apagar, olhos a fechar, lembranças a fazer desaparecer. Ensinar-lhe havia anos: era melhor tentar viver na maior normalidade possível. Ele podia conseguir coisas que para a maioria das pessoas eram impossíveis. Cada conquista, no entanto, cada exercício de vontade para alcançar o almejado, tinha um preço. Não valia a pena pagá-lo por questões pouco importantes. Agora devia convencer quem quer que estivesse como recepcionista noturno do hotel a preparar uma refeição para eles. Não sentia fome; certamente Gaspar também não. Mas o garoto não tinha lanchado, ele havia se esquecido de tirar as sodas do carro, precisava se comportar como um pai.

Antes de sair do quarto, contudo, tinha que tomar banho, porque estava fedido. E quem sabe cortar um pouco o cabelo. Gaspar também precisava de um banho, não com tanta urgência. Levantou-se da cama com Gaspar ainda nos braços e o levou até o chuveiro. Abriu a água quente, esperou um pouco e confirmou o que suspeitava.

— Não tomo banho de água fria — disse Gaspar.

— Está calor, vamos lá, não? Então depois eu enxugo você com uma toalha.

Juan entrou no chuveiro e ouviu Gaspar falando, sentado sobre a tampa do vaso sanitário, contando o que havia lido e o que havia visto da janela do hotel, mas ele não prestou atenção. O chuveiro era baixo

demais e precisou se agachar para lavar a cabeça, mas pelo menos o hotel tinha xampu e sabonete. Com uma toalha amarrada na cintura, parou em frente ao espelho: o cabelo molhado passava dos ombros, e seus olhos estavam inchados.

— Traz a tesoura, está na bolsa pequena.

— Posso cortar? Um pouco.

— Não.

Juan ficou olhando seu reflexo, os ombros largos, a cicatriz escura que dividia o peito, a queimadura no braço. Rosario sempre cortava seus cabelos. Também o barbeara várias vezes. Lembrava-se de suas argolas grandes, que ela nunca tirava, às vezes nem para dormir. Lembrava-se de como ela havia chorado uma vez, de cócoras enua no chão do banheiro, por ter engordado durante a gravidez. Como cruzava os braços quando ouvia algo que achava estúpido. Lembrava-se dela gritando com ele na rua, furiosa; a força que tinha quando batia nele com os punhos fechados durante alguma briga. Quantas coisas não sabia fazer sozinho, quantas havia esquecido, quantas apenas ela conhecia? Usou o pente para esticar os cabelos e cortou-os com o maior cuidado possível. Deixou uma mecha mais comprida na frente e usou o secador para verificar se havia feito um desastre. Achou o resultado aceitável. Tinha um pouco de barba, mas só dava para ver porque estava pálido demais. Jogou fora o cabelo cortado, que havia deixado cair sobre um lenço, no vaso sanitário.

— Vamos ver se conseguimos algo para comer.

O corredor do hotel estava muito escuro e cheirava a mofo. O quarto que tinham dado a eles ficava no canto, junto à escada. Juan deixou Gaspar sair primeiro, e o garoto, em vez de descer direto, correu pelo corredor. A princípio Juan pensou que ele ia para o elevador. Mas logo se deu conta de que Gaspar percebia o mesmo que ele, ainda que a diferença fosse radical: em vez de evitá-la — Juan estava tão acostumado

àquelas presenças que as ignorava —, ele a procurava, atraído. O que se escondia ao fim do corredor estava assustado e não era perigoso, mas era antigo e, como tudo o que é muito velho, era voraz, infeliz e invejoso.

Pela primeira vez seu filho tinha uma percepção, pelo menos na sua presença. Estava esperando que isso acontecesse, Rosario insistia que ia acontecer em breve e costumava ter razão, mas comprovar que de fato Gaspar havia herdado essa habilidade o desanimou, fechou-lhe a garganta. Não tinha muitas esperanças quanto à normalidade do filho, mas naquele corredor elas desapareceram completamente, e Juan sentiu o desalento como uma corrente em volta do pescoço. A danação herdada. Tentou fingir calma.

— Gaspar — disse, sem levantar a voz. — É por aqui. Pela escada.

O menino deu meia-volta no corredor e olhou para ele com uma expressão confusa, como se despertasse em um quarto estranho depois de dias dormindo. O olhar durou um segundo, mas Juan o reconheceu. Precisava ensiná-lo a se fechar àquele mundo flutuante, àqueles poços pegajosos, a como evitá-los. E precisava começar logo, porque recordava o horror de sua própria infância e Gaspar não tinha por que viver o mesmo.

Meu filho vai nascer cego, repetia a aparição no fundo do corredor, que não tinha cabelos e usava um vestido azul. Gaspar não podia ouvi-la, embora talvez a tivesse visto. Era dela que ele havia falado antes, no banheiro: uma mulher sentada na praça em frente ao hotel, que olhava para a janela com a boca aberta. Juan não lhe dera atenção porque não havia contado isso com medo, o que era bom. O garoto estava intuitivamente certo: não havia nada a temer, aquela mulher era apenas um eco. Havia muitos ecos agora. Sempre havia quando se cometia uma carnificina; o efeito era idêntico ao dos gritos em uma caverna, permaneciam até que o tempo lhes pusesse um fim. Faltava muito para

esse final, e os mortos inquietos se moviam com rapidez, procurando ser vistos. *The dead travel fast*, pensou.

Desceram pela escada em silêncio para não acordar os hóspedes. Uma mulher que certamente era uma das donas do hotel folheava uma revista na recepção. Ergueu a cabeça quando os viu entrar e se pôs de pé; com um gesto rápido, ajeitou a blusa e o cabelo escuro, ligeiramente bagunçado.

— Boa noite. Em que posso ajudar?

Juan se aproximou do balcão e apoiou uma das mãos sobre a lista telefônica que estava aberta ao lado do abajur.

— Boa noite, senhora. Por acaso há algum lugar aberto para comer?

A mulher inclinou a cabeça.

— Talvez consigam encontrar alguma coisa na churrascaria do clube de pescadores, mas deixem que eu ligue e pergunte, porque é uma boa caminhada até lá.

Uma boa caminhada, pensou Juan, impossível, naquele pequeno povoado nada podia ficar muito longe. As paredes da recepção cobertas até a metade de madeira, o piso marrom plastificado, as chaves penduradas no painel. Gaspar havia se aproximado de um aquário pequeno e acompanhava com o dedo o nado de um peixinho. Ninguém atende, disse a mulher depois de tentar contato por um tempo. Bom, vamos dormir sem jantar. Juan sorriu e percebeu que a mulher — que era jovem, pouco menos de quarenta anos, mas parecia mais velha na luz triste do hotel silencioso — olhava para ele detidamente e sem disfarçar. Peguei no sono, disse Juan. De Buenos Aires para cá é uma viagem longa, e eu não estava muito descansado.

Do lado de fora o silêncio era total. Viu passar as luzes azuis de um carro patrulha, mas mal ouviu o motor. Também vigiam este povoado?

— Desculpe a indiscrição — disse a mulher, e saiu de trás do balcão

da recepção. Ela se abanava. O ventilador estava ligado, no entanto. — Vocês estão no 201? Meu funcionário me disse hoje que achou que o senhor do 201 não se sentia bem. Ficamos preocupados, mas, como não ouvimos nada e o senhor não ligou para cá, não quisemos incomodá-lo.

— E como sabe que sou eu o homem do 201?

A mulher, entre tímida e paqueradora, respondeu:

— Meu funcionário disse que era um homem muito alto e loiro, com uma criança.

— Obrigado pela preocupação, senhora. Agora estou me sentindo bem, precisava descansar. Passei por uma cirurgia há seis meses, às vezes acho que estou totalmente recuperado e passo dos limites.

E de maneira deliberada e teatral, Juan apoiou apenas uma das mãos sobre a camisa escura que usava aberta até a metade do peito, para que ficasse evidente e visível a enorme cicatriz.

— Vamos lá — disse ela. — Vou preparar nem que sejam alguns sanduíches para vocês. O menino come talharim? Aquecemos em banho-maria com um pouco de manteiga e pronto.

— O que é talharim? — perguntou Gaspar, que havia abandonado o aquário.

— Macarrão, *mitai* — disse a mulher, ajoelhando-se. — Gosta de macarrão com manteiga e queijo?

— Sim. E com molho também.

— Vamos ver o que podemos fazer.

— Posso ver você cozinhar?

— Ele gosta de cozinhar — disse Juan, e deu de ombros para demonstrar seu embaraço.

Uma hora depois, Gaspar havia aprendido a usar o abridor de latas, os dois tinham comido uma massa um pouco pegajosa com um molho delicioso, tinham bebido água fresca, com gelo, e a mulher os havia

acompanhado com um copo de vinho doce e cigarros. Quando terminaram, Juan se ofereceu para lavar os pratos para que ela pudesse voltar à recepção, e a mulher aceitou; antes de sair, disse a ele tomara que você fique bom longo. Gaspar ajudou a secar, mas antes disse obrigado à mulher com os lábios sujos de molho de tomate, e ela lhe deu um beijo na testa.

* * *

Gaspar se recusou a entrar no quarto: na porta, imóvel, seus olhos brilhavam e parecia assustado.

— Papai, tem uma senhora no quarto — disse. Juan piscou para vê-la e senti-la: era a mesma do corredor, que se movia pelo hotel.

— Não olha para ela. — Segurou o rosto dele com as duas mãos; eram tão grandes que quase contornavam toda a cabeça do menino. — Olha para mim.

Então ele se sentou no chão e acendeu a luminária. Por sorte Gaspar não ouvia o que a mulher dizia. Era sempre melhor só ver. Juan a ouviu por um minuto, por curiosidade. A mesma repetição desesperada e solitária da morte, o eco da morte. Depois ele ficou surdo para ela, mas não a expulsou, isto seu filho precisava aprender a fazer, e rápido. Juan não queria que ele sentisse medo por mais nem um minuto.

— Agora presta bem atenção.

— Quem é, papai?

— Não é alguém. É uma lembrança.

Colocou a mão embaixo do esterno do menino e sentiu o coração do filho rápido, forte, saudável. A inveja deixou sua boca seca.

— Fecha os olhos. Sente a minha mão?

— Sim.

— O que eu estou tocando?

— A barriga.

— E agora?

Com dois dedos da outra mão localizou a vértebra que ficava atrás do estômago.

— As costas.

— Não, as costas não.

— A coluna.

— Agora você precisa pensar no que está entre as minhas mãos, como quando a sua cabeça dói e você diz que parece ter algo dentro dela. Bom, pensa no que está dentro.

Gaspar apertou os olhos e mordeu o lábio inferior.

— Pronto.

— Bom, agora diz à senhora para ir embora. Não diz isso falando. Você pode dizer em voz baixa, se quiser, mas diz como se essa parte sua que está entre as minhas mãos pudesse falar. Está entendendo? É importante.

Aquilo podia levar a noite inteira, Juan sabia.

— Pronto, falei.

Juan olhou para a mulher, que continuava ao lado da cama, grávida, e com a boca aberta, certamente falando ainda de seu primeiro filho, com os olhos vazios.

— De novo. Como se você falasse a partir daqui, como se tivesse uma boca aqui dentro.

— Falo com força?

Que tipo de pergunta era aquela? Aquela dúvida tão pertinente merecia uma resposta à altura.

— Sim, hoje sim.

A imagem da mulher desapareceu lentamente, como fumaça que se

dissipa. O ar do quarto ficou limpo, como se tivessem aberto as janelas. A luz da luminária ficou mais clara.

— Muito bem, Gaspar, muito bem.

Gaspar olhou em volta do quarto procurando a mulher que havia ido embora. Estava sério.

— E ela não vai mais voltar?

— Se voltar, você repete o que acabou de fazer.

Gaspar estava tremendo, um pouco pelo esforço, um pouco por medo. Juan se lembrou da primeira vez que expulsou um desencarnado: havia sido igualmente fácil, talvez até um pouco mais fácil dadas as circunstâncias. Quem dera esse fosse o fim das habilidades herdadas de Gaspar. Quem dera Gaspar nunca alcançasse o tipo de contato de que ele era capaz. Rosario tinha certeza de que o garoto herdaria suas habilidades. De repente a lembrança ficou tão vívida que ele sentiu como se tocasse acidentalmente um inseto na escuridão: Rosario, teimosa, sentada na cama, com sua calcinha branca de algodão e o cabelo preso num rabo de cavalo alto. Gaspar ia herdar tudo, tudo o que ele carregava. Sentiu os olhos arderem.

— Agora vou continuar a dormir porque daqui a pouco tenho que dirigir.

— Quero dormir com você.

— Não tenha medo. Vai para a sua cama. Se não conseguir dormir, lê seu livro. A luz não me incomoda.

Mas Gaspar não quis ler. Deitou-se de barriga para cima e esperou que o sono chegasse, com uma disciplina imprópria para sua idade. Não havia baixado as persianas, de maneira que as escassas luzes da rua iluminavam um pouco o quarto e os galhos de uma árvore refletiam nas paredes. Juan esperou até a respiração de Gaspar indicar que ele estava dormindo e então se aproximou: os lábios separados, os pequenos dentes

de leite, o suor grudando os cabelos na testa.

Ele poderia fazer aquilo sentado em sua própria cama, ao lado de Gaspar. Mas não queria que o garoto acordasse e o visse. O banheiro era um lugar tão bom como qualquer outro. Não precisava de muito: apenas silêncio, o cabelo de Rosario, algum instrumento afiado e as cinzas.

Sentado nos azulejos frios, enrolou entre os dedos a mecha de cabelo de Rosario, que ele mantinha em uma caixinha. Você me prometeu, disse em voz baixa. E havia sido uma promessa séria, uma promessa de sangue, e não de palavras sentimentais.

Pegou um punhado de cinzas do saco plástico e espalhou-as sobre o piso à sua frente, para desenhar o signo da meia-noite. Desde a morte de Rosario, fazia isso todas as noites com o mesmíssimo resultado: silêncio. Um deserto de areia fria e estrelas opacas. Havia até tentando métodos mais rudimentares, e a resposta era sempre a mesma: o vento sobre o vazio.

Repetiu as palavras, acariciou a mecha de cabelo, fez a invocação na linguagem infecciosa que se devia usar no ritual das cinzas. E com os olhos fechados viu os quartos e os cantos vazios, as fogueiras apagadas, as roupas abandonadas, os rios secos, mas continuou vagando até que retornou ao banheiro do hotel, ao silêncio e à respiração distante de seu filho, e voltou a chamar. Nem um toque, nem um tremor, nem uma ilusão, nem uma sombra enganosa. Ela não vinha nem estava ao seu alcance e, desde sua morte, não havia conseguido um único sinal de sua presença.

Tinha feito oferendas impróprias nos primeiros dias. A verdadeira magia não se faz entregando o sangue dos outros, disseram-lhe uma vez. Ela é feita entregando o próprio sangue e abandonando qualquer esperança de recuperá-lo. Juan pegou a gilete que estava ao seu lado e fez um corte diagonal na palma da mão, seguindo vagamente a linha

chamada linha da mente ou da cabeça. Era uma ferida insuportável, que nunca sarava totalmente, a pior possível e, por isso mesmo, a que funcionava. Quando, na escuridão, sentiu o calor do sangue, apoiou a mão sobre o signo de cinzas traçado no chão. Disse as palavras necessárias e esperou. O silêncio era vertiginoso. Juan sabia que era um sintoma de sua própria perda de poder. Se era porque estava muito doente ou porque se desgastara demais, ele não sabia, mas a sensação de fraqueza era bastante óbvia. Fazer aquele chamado dificilmente exigia esforço: o mundo dos mortos estava muito perto dele e era uma porta leve, de vaivém. Podia duvidar de sua capacidade de fazer outro ritual, qualquer outro. Este não. Este era como esticar as pernas.

Lavou a mão, resignado, e limpou o sangue do chão com uma das toalhas. Não sentia mais raiva. Depois das primeiras tentativas frustradas, havia insultado Rosario, havia quebrado móveis e quase tinha quebrado os dedos ao dar socos no chão. Agora ele simplesmente recolhia os restos com resignação e guardava a mecha de cabelo de volta na caixa. *For the dead travel fast*, pensou outra vez. Era verdade, de maneira geral. A ele era negada essa rapidez habitual.

Gaspar continuava a dormir apesar de ter passado bastante tempo: o ritual do signo da meia-noite parecia curto para quem o fazia, mas levava várias inadvertidas horas. Juan cobriu a ferida com uma atadura. Amanhecia quando ele derramou um pouco de álcool no corte, que nunca sarava completamente porque tinha que seguir cortando e cortando no mesmo lugar para dar sangue às cinzas que não traziam nada além daquele silêncio tão suspeito, que o fazia pensar em sua mulher silenciada, com os lábios costurados por alguém que queria separá-los definitivamente.

* * *

O café da manhã era servido no salão de refeições com paredes brancas e mesas cobertas por toalhas xadrez. Era decorado por pinturas de peixes nadando, peixes empalhados em molduras de vidro e mais um aquário, um pouco maior que o da recepção. Esquina era uma espécie de capital da pesca. Juan nunca havia pescado na vida. E não entendia por que o hotel se chamava Panambí, que quer dizer “borboleta” em guarani, se o tema recorrente de sua decoração era a ictiofauna. Não havia borboletas em lugar algum, nem mesmo no logotipo. Tomou um chá fraco e espalhou doce de leite em torradas para Gaspar, que estava muito quieto.

— O que foi?

— Você está bravo comigo?

— Não, filho, estou de mau humor. Quando você terminar de comer, vamos nadar.

Gaspar tinha chorado a manhã inteira, até que eles desceram para tomar café. Desde que a mãe morrera, chorava todos os dias, quando acordava. Às vezes porque sim, às vezes porque se irritava com alguma bobagem, às vezes dizia que sua cabeça doía ou que estava com sono ou com calor. Ele sonhava com ela, Juan sabia; em geral, sonhava que sua morte era um sonho. Às vezes Juan o deixava chorar sozinho, às vezes se sentava a seu lado em silêncio, às vezes lavava seu rosto com água fria, mas nunca sabia exatamente o que fazer. Naquela manhã, quando Gaspar se acalmou após um choro gritado, depois de puxar os cabelos e até socar um travesseiro, propôs a ele que fossem à praia. Gaspar havia aceitado, perguntando se a água era fria como em Mar del Plata. Explicou-lhe que não, que era um rio, e os rios eram diferentes, mais parecidos a uma piscina. Era mentira, mas funcionou. Juan era quem precisava nadar, e estava na hora de seu filho aperfeiçoar a pouca técnica que havia lhe ensinado. Ele aprendera aos oito anos e por pura irresponsabilidade de seu irmão, que não sabia como entretê-lo quando o

levava para passear e um dia o levou a um clube. Juan sabia que era proibido; seu médico, Jorge Bradford, tinha recomendado que não fizesse exercícios intensos. Bradford jamais tomou conhecimento das tardes na piscina ou se fazia de bobo: seu médico sempre tinha atitudes ambivalentes, gestos de extrema generosidade e posições mesquinhas, frequentemente imprevisíveis.

Bradford o ensinou a se fechar aos seis anos, quando se recuperava de um ataque cardíaco: muitas das coisas mais importantes de sua vida haviam transcorrido em uma cama de hospital, entre a dor, a anestesia e o medo. O método foi o mesmo que ele havia ensinado a Gaspar na noite anterior. O doutor Bradford, que o operara quando ele estava desenganado, que o visitava todos os dias e que o adotaria sob o pretexto de lhe dar os cuidados necessários. Um sequestro elegante. Uma compra: havia pagado por ele. É um milagre, Bradford dissera a seus pais, um milagre que ainda esteja vivo, precisa de tratamentos e cuidados que, infelizmente, devido à sua situação financeira, vocês não podem lhe oferecer. Eles haviam aceitado.

Naquela noite, na cama do hospital, Juan não conseguia diminuir o volume das vozes, sentia mãos tocando todo seu corpo — por dentro e por fora —, via pessoas em volta da cama mesmo fechando os olhos. E Bradford o fez sentar, umedeceu seus cabelos com água fria e lhe disse mais ou menos a mesma coisa que ele havia dito a Gaspar. Use a voz entre a coluna e o estômago, diga para eles irem embora e eles irão. Lembrava-se claramente de que havia tentando várias vezes, guiado pelos olhos escuros e ávidos daquele homem, até o silêncio chegar e a sala de terapia intensiva voltar a ser um quarto cheio de moribundos e feridos. Bradford ficara ao lado dele até ele conseguir dormir. De manhã, ao acordar, as vozes e as imagens voltaram, e Bradford continuava lá. Mais uma vez indicou-lhe o que fazer, e Juan conseguiu na primeira tentativa.

Então Bradford lhe pediu que contasse o que via. E Juan enumerou: acordar e ver, junto com o café da manhã, um cadáver sentado à mesa ou na cama; as bocas que riam dele, a mão que cobria seu rosto e não o deixava respirar à noite, os pássaros e os insetos que o atacavam voando direto para sua cabeça quando ele saía para o quintal, as duas carinhas que olhavam para ele de debaixo de uma pedra que sua mãe usava para manter a porta do galpão dos fundos aberta. Havia contado essas coisas a seus pais, mas eles não pareciam entender. Bradford sim.

Seus pais tinham medo: tentavam tranquilizá-lo e queriam mudar de assunto. Seu irmão Luis era diferente. Ele também se assustava, mas tentava ajudar. Dizia para ele pensar em outras coisas. Ensinara-lhe a nadar.

Agora ele precisava ensinar seu filho, mas primeiro queria nadar sozinho, por um tempo, no rio. Dirigiu até o balneário da cidade, que era bonito e limpo e estava quase vazio, e colocou Gaspar sentado sobre a grama, debaixo de uma árvore, com o isopor a seu lado. Serviu-lhe soda em um copo plástico e lhe disse o papai vai nadar, mas, se alguém se aproximar de você, não se preocupe, ele vai saber. Não saia daqui porque eu te encontro e depois você já sabe o que acontece.

Ao entrar na água, cruzou com um casal que saía do rio. Ela era bonita, usava um maiô azul e o cumprimentou; o homem o olhou com certa agressividade e pegou a mulher pela cintura com força. Nenhum dos dois conseguiu deixar de examinar a cicatriz no peito sem disfarçar. Juan não ligava. Nadou por quinze minutos, o tempo exato para não ficar agitado demais. Era capaz de nadar por muito mais tempo, mas não queria estar cansado se tivesse que dirigir mais tarde. O rio ficava prateado sob o sol, mas a água estava um pouco turva. Boiou por algum tempo antes de sair: de seu filho, não sentia nada além de calma. Quando estava com água pelos joelhos, fez um sinal para Gaspar e gritou

venha, você precisa aprender, tira a camiseta e os tênis. Deitou Gaspar na água e se agachou um pouco. Eu seguro você, disse, quando percebeu que o menino se contorcia com medo de afundar. Bata as pernas, disse, me molhe, faça barulho.

Havia algo naquela manhã quente e a pele escorregadia do menino em suas mãos fez com que ele sentisse Rosario a seu lado, e lembrou-se dela morta de frio em um campo da Inglaterra, lembrou-se dela cantando uma canção que dizia *tonight will be fine*, dançando uma música de Bowie e reclamando que nunca tocavam música boa na rádio, e seu pescoço e seus seios, que eram grandes, mas ela nunca usava sutiã, nem mesmo depois do nascimento de Gaspar, e as manhãs em que ele acordava, ela reclamando, me deixa dormir, mas depois de um tempo também o abraçava, e ele levantava suas pernas, as colocava sobre os ombros e a acariciava com a língua e os dedos até que ela ficasse molhada.

Não conseguia encontrá-la. Conseguia ver aquela pobre mulher grávida do hotel, conseguia ver centenas de assassinados todos os dias e, no entanto, não conseguia esbarrar com ela. Havia lhe pedido uma vez, quando era viva, quase de brincadeira, imitando o personagem de um romance, não me deixe sozinho, *haunt me*, não havia palavras em castelhano para aquele verbo, *haunt*, não era enfeitiçar, não era aparecer, era *haunt*, mas ela nunca o tinha levado a sério. Se era ele quem deveria morrer primeiro, era o mais lógico, era ridículo que ainda estivesse vivo.

Às vezes pensava que Rosario estava se escondendo. Ou que alguma coisa não a deixava se aproximar. Ou que havia ido longe demais.

— E agora?

— Agora você coloca a cabeça embaixo d'água. Mas sem tapar o nariz.

— Vou me afogar.

— Não vai se afogar nada.

Treinaram prender a respiração fora da água. Gaspar enchia as bochechas de ar, e Juan começou a sentir a inconfundível dor de cabeça nas têmporas. Tempo demais debaixo do sol. Mas não iria embora até que o garoto aprendesse a prender a respiração.

De volta à sombra da árvore, serviu-se de soda e acrescentou algumas das pedras de gelo que boiavam no isopor. Engoliu dois comprimidos e fechou os olhos, apoiado sobre as raízes para que a dor cedesse um pouco. Sua cabeça latejava, mas pelo menos latejava regularmente, um pouco devagar.

— Não me afoguei — disse Gaspar de repente.

— Viu. Nadar é fácil, logo, logo você vai aprender.

— Você vai acordar?

— Não estou dormindo, estou descansando.

— Quer um sanduba?

— Não, daqui a pouco vamos comer. E hoje à noite vamos ver a Tali.

— Posso fazer um sanduba pra mim?

* * *

A melhor referência para chegar à casa de Tali era localizar, na estrada, uma velha ponte de ferro enferrujada que estava abandonada, sobre a qual crescia a implacável vegetação do Litoral com seus cipós e suas flores. Uma vez que se chegava à ponte, surgia a velha Capela do Diabo e então era só seguir em frente por uma estrada de terra que se tornava intransitável se estivesse lamacenta. A capela era a entrada formal de Colonia Camila. Tali amava morar ali, naquele povoado de duzentas pessoas e dois armazéns.

Tali era sua meia-cunhada. A filha do pai de Rosario com sua amante

correntina, uma mulher de classe média que tinha ido viver no campo, havia fundado um templo para São Morte e feito fama na região como curandeira e grande beldade. Tinha morrido jovem — Juan e Rosario sabiam que, embora tivesse adoecido, a morte estava longe de ser natural — e Adolfo Reyes, que a amava de verdade e colecionava imagens do santo (de fato haviam se conhecido assim), preservara seu templo. Tali agora continuava a tradição da mãe, que, para ela, era uma “guardiã” ou “promesseira”. Com Rosario, havia montado uma sala dedicada a São Morte no Museu de Arte Popular de Assunção, que fazia parte da coleção permanente; era reconhecida como a melhor do Paraguai, da região e provavelmente do mundo.

Há anos organizavam-se celebrações semiclandestinas no santuário de Tali. Colonia Camila estava longe de qualquer cidade, perto do rio mas estranhamente isolada de balneários e portos: lá se podia ser devoto com relativa tranquilidade de um culto que desagradava a Igreja e provocava medo e desconfiança. Nos últimos tempos, Tali havia mantido seu santuário em discreto silêncio. Sabia de militares que destruíam altares domésticos durante invasões e às vezes sequestravam os proprietários, os detinham por algumas noites em uma delegacia apenas para demonstrar seu poder. Ela era filha de um homem rico e bem relacionado. Não iriam encostar nela, mas não custava nada tomar cuidado.

Adolfo Reyes também havia comprado vários hectares em torno do templo e da casa de sua filha porque a Capela do Diabo de Don Lorenzo Simonetti estava no terreno. Uma igreja construída por um imigrante italiano que, misteriosamente, nunca tinha sido consagrada. Tali a limpava à noite, iluminada por um lampião a querosene. Muitas pessoas haviam visto o resplendor nas janelas e contavam histórias sobre o que acontecia atrás das paredes, embora nenhuma fosse verdadeira. Juan havia confirmado, a Tali e a seu pai, mais de uma vez: a igreja era

estranha, mas não era um lugar visitado. Como Adolfo Reyes gostava de se divertir, não se resignou: ele tinha inventado boatos, novas histórias, tanto que já era quase impossível diferenciar a ficção do simples fato histórico daquela capela e daquele povoado esquecido.

Lorenzo Simonetti havia chegado a Corrientes com seus oito filhos, viúvo, vindo da Itália. Em 1904, um ano depois de se estabelecer em Colonia Camila, começou a construir a capela sem pedir permissão às autoridades eclesiásticas. Era artesão: esculpiu a Virgem em pau-ferro e tentou imitar os traços de sua esposa, morta no parto. Fez todo o resto, a alvenaria, os bancos de madeira, o vidro dos precários vitrais, com a ajuda de alguns vizinhos. Os sinos foram trazidos da Itália por um compatriota. O altar tinha flores de latão e desenhos de plantas. Uma igreja da selva e da fronteira, perto do Brasil e do Paraguai.

Don Lorenzo havia colocado todo seu entusiasmo na parede da sacristia. Lá ele expôs sua obra-prima, o motivo do medo dos vizinhos e possivelmente a razão pela qual a igreja não conseguira ser aceita pela Cúria. A escultura de madeira estava bem conservada apesar da passagem do tempo e do desgaste de algumas cores. Era uma visão do inferno, um retábulo de advertência: crianças com cabeças desproporcionalmente grandes e pernas tortas bailando danças ritualísticas ao redor de fogueiras, brincando com dragões e víboras. Mulheres nuas, com cobras enroladas na cintura. Entre elas, rostos alucinados, olhos redondos sempre abertos, mais répteis e, sobretudo, sapos, uma verdadeira obsessão pelos sapos em referência à praga do Egito. A cena do juízo final é completada pela figura de um homem sentado com um livro, que observa as horríveis cenas de dor com uma expressão impassível.

Uma vez terminada, Simonetti tentou doar a igreja à Cúria, mas, depois que dois sacerdotes a visitaram, sua oferta foi recusada. Houve mais negociações e mais recusas. Os motivos, aparentemente, eram

burocráticos, mas todos se negavam a acreditar nessa explicação. Diziam que o retábulo representava a Salamanca, a reunião de bruxos com o demônio, o sabá *criollo*. Diziam que Don Lorenzo havia participado das cerimônias. Simonetti morreu tentando convencer os padres da sacralidade de sua obra. Talvez cumprindo uma promessa, fez o sacrifício — não era velho, mas estava doente — de ir a pé de Colonia Camila até Goya para se reunir com uma autoridade da Igreja. Quando voltou, deitou-se para descansar e pela manhã estava morto.

No maior armazém de Colonia Camila, aquele com um bar modesto, dizia-se que o fantasma de Simonetti havia sido visto trajando preto, a caminho de Goya. Também corriam boatos sobre uma congregação obscura que dava as costas ao altar e se ajoelhava em frente ao retábulo do juízo final.

* * *

Ouviu-o antes de vê-lo, às seis da tarde, quando o sol incendiava o céu com uma chama amarela e as palmeiras ao longe pareciam sombras. Tali saiu correndo, o vestido branco cheirava a sabão de jasmim, que haviam trazido para ela do Paraguai, e na pressa esqueceu-se de se calçar. Hesitou quando ainda só o ouvia, mas quando o viu da pequena elevação de terreno onde estavam sua casa e seu templo, não teve dúvidas. Sob o sol do entardecer, os cabelos loiros tinham reflexos alaranjados e a camiseta preta se tingia de um azul crepuscular. Mesmo quando ele ria daquele jeito, com a boca aberta e as covinhas marcadas, com uma ponta de ternura no modo como movia as pernas longuíssimas que escorregavam na lama, mesmo quando estendia os braços e dizia a seu filho “vamos” e o menino dava pequenos passos a seu lado, mesmo naquela cena familiar e simples era compreensível que ele fosse conhecido como o Deus

Dourado, seus braços com veias que pareciam cabos sob a pele e as mãos grandes demais, os dedos finos, as palmas largas e longas.

Ela nunca tinha visto um homem assim antes ou depois, e agora, ao voltar a vê-lo, parecia tão extraordinariamente bonito que sua visão ficava embaçada e olhar para ele era como ver um pôr do sol surpreendente, quando a natureza revela seu perigo e sua beleza.

— Agora você gosta de lama, *chamigo* — gritou. Esperava que sua voz saísse firme e assim foi, irônica e afetuosa ao mesmo tempo. Juan a reconheceu imediatamente.

— Tali, que desastre é esse? Estamos atolados!

Juan e seu filho — Gaspar, já grandinho, e esbelto — riam como loucos. Tali não podia acreditar. Esperava encontrá-lo tão raivoso e triste como quando o vira alguns meses antes. E agora ele estava ali na porta de sua casa, morrendo de rir com os pés afundados na lama, dizendo ao filho: “São as areias movediças de Corrientes!”

— Façam um esforço, chê; se vocês caírem, depois tomem um banho.

Tali se apoiou na porteira e relaxou para apreciar um espetáculo sem precedentes: o Deus Dourado divertindo-se com sua falta de jeito, brincando de afundar, fingindo gritar de medo. O menino, mais leve, saiu da lama primeiro, e Tali abriu a porteira para ele passar. Gaspar olhou-a nos olhos, curioso, alerta. Oi, Tali, disse. E se virou e aplaudiu aos gritos um escorregão que quase deixou seu pai estendido no caminho.

— Você sabe, Juancito, que a estrada de cá, do outro lado, é asfaltada.

— Você está de brincadeira.

— Mais ou menos. Só jogaram cascalho nela.

— Por que essa estrada é de cascalho? Dá em alguma fazenda grande?

— Não, mas isso aqui é Corrientes. Não dá para esperar lógica.

— Depois eu mudo o carro de lugar, então. Espero que não tenha

atolado.

— Nós o empurramos.

Com um salto, Juan chegou a um trecho de grama seca e de lá, com dois passos de suas longas pernas, alcançou a porteira com facilidade. Tali pôde enfim vê-lo de perto e perceber que a luz do fim de tarde havia criado uma ilusão muito favorável: Juan estava com olheiras escuras e havia emagrecido; os olhos tão raros, com as íris de cores misturadas, feixes azuis, verdes e uma pitada de amarelo, estavam cansados e sonolentos. Contudo, o que fez Tali ter certeza de que a piada da lama não passava disso, uma piada, foi a palidez de Juan.

— Se eu não soubesse que está vivo, diria que você é um fantasma, chê, como você está branco.

Ele fingiu que não a ouviu e a abraçou com tanta força que a levantou do chão. Sujou seu vestido, mas Tali não se importou. Ela sentiu novamente, depois de tanto tempo, o corpo de Juan, que era firme e frágil; era reconfortante afundar em um peitoral tão largo e cheirar na camiseta o calor, a gasolina e o repelente de insetos. Sentiu com alívio que ele respirava profundamente. Tali ficou de olhos fechados, ouvindo a respiração dele e os insetos da noite que acordavam e zumbiam. Ele pegou a mão dela, e ela pôde sentir a tristeza na ponta dos dedos, como se a irradiasse. Tali também notou o curativo sujo que cobria uma ferida na palma da mão. Você precisa trocar esse pano, disse, e Juan não respondeu. Gaspar estava sentado no chão, tentando limpar os tênis brancos.

— Deixa, *mitaí*, eu lavo pra você — disse Tali, e imediatamente resolveu várias questões. Deu a mão a Gaspar, acenou para um dos garotos que trabalhavam na pequena propriedade que havia atrás da casa e mandou que ele trouxesse o carro pelo asfalto, e serviu tereré bem gelado na mesa da varanda. — Só tenho de verbena. Agora vou buscar

alguma coisa para você, *mitái*, gosta de Coca-Cola?

Quando voltou com o refrigerante, Juan estava estirado o melhor que podia na poltrona-rede e havia molhado o rosto com um pouco de água fresca.

— Você podia ter me avisado que viria, eu teria preparado alguma coisa para vocês, teria arrumado a casa.

— Não sabia se ia conseguir chegar sozinho, por isso corri um pouco. E, quando me dei conta de que estava muito cedo, preferi visitar você antes de ir para Puerto Reyes.

— Você está bem?

Ele não olhou para ela. Preferiu o vermelho do entardecer entre as árvores.

— E o pequeno, como está indo?

— Não falem como se eu não estivesse aqui — protestou Gaspar, franzindo o cenho, e deixou o copo de Coca sobre a mesa. Depois cruzou os braços.

— Está certo. Pergunta para ele.

— Que temperamento, menino. Você está bem?

— Às vezes sim, às vezes não. Sinto saudades da mamãe e fico com medo quando ele adocece. — E com uma expressão irritada, quase acusadora, apontou o dedo para o pai.

Tali abraçou o menino e sentou-o sobre suas pernas, embora Gaspar já estivesse grande demais para ficar no colo. Como ela não sabia o que fazer porque nunca ouvira um menino de seis anos falar com tanta clareza e sinceridade, disse-lhe vamos trocar esses tênis e perguntou se Juan havia trazido outro par. Claro, respondeu ele, e trouxe também sandálias, embora ele possa andar descalço por aqui. Não, descalço não, disse Tali, há insetos demais.

No banheiro ela lavou as pernas de Gaspar, trocou os tênis e a

camiseta e o ouviu falar sobre os animais que tinha visto na estrada, incluindo um cervo com chifres. Ela achou estranhíssimo que houvesse um veado tão longe dos estuários, mas o que podia ser estranho com Juan por perto.

Tali conheceu Juan em Buenos Aires. Seu pai a levava para obrigá-la a estudar, mas Tali fugia da escola, jogava-se no chão, chorava. Rosario havia tentado segurá-la, dizendo que não era para tanto, que podiam se divertir na escola, e ela havia respondido que não era a escola o que ela odiava: era a cidade. Então Adolfo Reyes desistiu de educar sua filha mais nova no melhor colégio de Buenos Aires, como havia feito com Rosario, e deixou que ela voltasse para o norte, com seu templo e suas ervas e sua escola rural.

Rosario e ela eram amigas íntimas, além de irmãs por parte de pai. Tali havia chorado quando Rosario, aos 18 anos, fora para a Inglaterra estudar. Estava indo para a melhor universidade do mundo, dissera a Tali, e estava feliz. Naquele ano Juan já tinha quinze e havia passado todo o verão em Puerto Reyes. Ele também estava muito triste. Em uma visita, Tali tinha ficado boba ao voltar a ver Juan na varanda fresca que dava para o rio. Ela crescera vendo filhos de imigrantes altos e loiros como aquele garoto, os suecos de Oberá, os alemães de Eldorado, os ucranianos de Aristóbulo del Valle. Em passeios com o pai, às vezes almoçava salsichas e admirava as orquídeas nas festas dos imigrantes; havia se apaixonado perdidamente por muitos daqueles jovens de olhos transparentes e pele escurecida pelo sol. Mas quando Juan se levantou da cadeira de vime e lhe deu dois beijos no rosto, todos aqueles homens e mulheres lhe pareceram esboços de um pintor desajeitado, rabiscos indecisos de uma mão que treinava até, finalmente, desenhar Juan e lhe dar vida e dizer é isso, era isso o que eu estava procurando, é o acabamento perfeito. Juan tinha 15 anos, ela, 17, e no entanto suas

orelhas arderam quando ele a encarou em silêncio. Quer dar uma volta?, perguntou Tali. Não está muito quente. Claro, respondeu o garoto. Caminharam pelo jardim selvagem da casa. Ela contou a ele sobre os escandinavos de Oberá e perguntou se sua família também era de lá. Juan lhe disse que sim, mas que haviam se mudado para Buenos Aires quando ele nasceu porque estava muito doente. Talvez você ainda tenha família por aqui. Não sei, disse Juan.

Naquela noite, depois de jantar jacaré com mandioca frita, especialidade de Rufina, a cozinheira de Reyes, Juan arrancou uma folha do caderninho onde estivera rabiscando enquanto os outros tomavam café (ele não tomou) e entregou a ela: era um desenho de dois cachorros latindo para uma lua com raios que mais parecia um sol, mas era uma lua porque tinha rosto, e era um rosto de mulher; ao fundo ele havia desenhado dois prédios, duas torres baixas, uma para cada cachorro, e na frente deles um lago ou um tanque de onde saía um animal que podia ser uma lagosta ou um escorpião. Embaixo estava escrito La Lune e Tali reconheceu na hora que era uma das cartas do tarô que Rosario tirava, a Lua do Tarô de Marselha. Sua irmã tentara ensiná-la, mas Tali preferia as cartas espanholas.

— Eu também posso ensinar a você, agora que ela foi embora — disse Juan.

— Como você sabe que eu quero aprender?

— Rosario me disse, ela falou que nunca soube te explicar direito. Eu sei ensinar melhor que ela.

— E o que significa esta carta?

— Depende da interpretação.

Juan guardou o lápis no bolso da camisa branca, impecável, que vestia. Não parecia doente, mas ela sabia que seu estado era grave. Por que eles o tinham escondido naqueles últimos anos?, perguntou-se à

época. Soube pouco depois, violentamente.

* * *

Ainda guardava aquele desenho, aquela lua, aqueles cachorros.

Limpo e com cara de cansado, Gaspar se sentou na outra poltrona-rede. Não ia mais chover, mas a noite caía úmida e escura. Guillermito, o garoto que trabalhava na casa de Tali, acendeu as luzes do quintal e da varanda. Juan tirou a camisa e a sacudiu, para secar um pouco o suor. Vou trazer o ventilador para você, ofereceu Tali. Não, deixa, disse ele.

— Devem estar te procurando.

— Eles não podem me encontrar. Agora é mais difícil para mim manter o segredo, mas ainda consigo.

— Betty também não vem este ano?

— Nada mudou em relação a ela e sua filha. Não pode participar do Cerimonial até que eles decidam o que fazer com a menina. Para ela, por enquanto, é muito conveniente. Quando souberem o que fazer com a filha, que provavelmente será tirá-la da mãe, veremos o que acontece.

— Chê, sabia que eles têm uns cachorros novos lá em Reyes? Tenho pavor deles, são enormes, parecem cavalos. Tem um preto que deve medir um metro e meio, chama-se Nix.

— Um cachorro não pode medir um metro e meio, não seja exagerada.

— O que é Nix? — quis saber Gaspar de repente.

— Juancito, esta criança é um perigo, ouve tudo.

— Nix é o nome da deusa grega da noite. É a noite.

— E está no meu livro?

— Acho que não, é uma deusa esquecida. Eu já falei sobre os deuses esquecidos. Eram adorados por poucas pessoas e, com o passar do tempo,

por cada vez menos gente, então pararam de contar histórias sobre eles.

— Isso é muito triste.

— É triste, sim. Mas sabemos algumas coisas sobre Nix. Ela era casada com Érebo, que é a escuridão, que não é a mesma coisa que a noite, porque a escuridão pode ser encontrada de dia, por exemplo. E teve dois filhos, gêmeos, Hypnos e Thanatos. Hypnos é o sono, e Thanatos é a morte. São parecidos, mas obviamente não são iguais.

— E todos vivem juntos?

— Isso não se sabe, então você pode imaginar o que quiser.

Juan olhou para Tali e disse está lendo um livro sobre lendas. Prometi mostrar a ele o ceibo, por conta de Anahí. Em voz baixa, Tali disse esse daí vai se entediar na escola.

Guillermito se aproximou da mesa. Preciso que você vá procurar um colchão pequeno para o miúdo, disse Tali. Peça a Karina, ela tem um montão. Do canto do corredor surgiu uma menininha apenas um pouco maior que Gaspar. Seus joelhos estavam sujos de lama, e o cabelo, preso em duas tranças bagunçadas.

— Laurita, chê, por que não leva o Gaspar para brincar um pouco com você? Quer brincar com ela, Gaspar? Depois chamamos vocês para comer.

As crianças demoraram um pouco a tomar coragem de interagir, mas Laurita contou a Gaspar sobre um cachorro que ela ganhara de presente e perguntou se ele queria vê-lo, e eles saíram. Tali notou que Juan os observava enquanto saíam mordendo os lábios.

— Não tem problema, a menina é daqui, está acostumada, vai cuidar dele melhor que você. O que você tem é normal.

— Nada é normal. Não consigo falar com ela.

— Com Rosario? Juan, você tem um Cerimonial dentro de alguns dias. Precisa se concentrar nisso.

Na luz fraca da varanda, Juan encarou-a com seus olhos oscilantes. Tirou a atadura da mão e mostrou-lhe a ferida. Tali analisou-a atentamente: não estava inchada, não estava infeccionada.

— Não consigo trazê-la nem com o signo da meia-noite. Se não posso me comunicar com ela nesse ritual, é porque alguém está me impedindo de alcançá-la.

— Alguém é capaz de fazer isso?

— Alguém poderoso seria capaz; várias pessoas trabalhando juntas também. Acho que são várias.

— Às vezes não atingimos nossos mortos, você sabe disso.

— Não acredito que seja isso neste caso.

— Você a sente em alguma parte?

Juan olhou para Tali e tirou uma mecha de cabelo do rosto.

— Eu não sinto nada.

Agora que já não se ouviam as vozes das crianças, Tali se aproximou de Juan e estendeu a mão. Vamos lá, vou te dar um banho e limpar essa mão, disse. Veja só, comprei uma banheira enorme, como se soubesse que iria precisar. Ele se levantou devagar, preguiçoso, e, no corredor que levava ao banheiro, Tali ficou na ponta dos pés e o beijou e o empurrou para o seu quarto e conseguiu fechar a porta com as costas. Era sempre um pouco violento ficar com Juan, mesmo quando ele tentava ser delicado, e agora ele nem sequer tentava; para Tali era dolorido abrir as pernas para receber o corpo largo, tinha sido dolorido cair no chão do quarto, a madeira doía em suas costas. Havia sempre um momento de pausa amorosa e delicada também, um empurrão, um deslizamento vertiginoso quando reconhecia as mãos que a despenteavam e ele se mexia dentro dela. E sempre havia um momento perigoso quando ela precisava pedir que ele, de alguma maneira, interrompesse aquilo que começava como uma sensação agradável, de tremor e febre, e terminava

parecendo o avanço rápido da maré, uma onda quente e profunda demais que não se parecia ao prazer. Ele sempre a ouvia e se segurava: desta vez se sentou, puxando-a com apenas uma das mãos, e obrigou-a a encará-lo.

Depois, Juan se deitou nu na cama, de lado, e chorou de mãos dadas com Tali, que o conhecia o suficiente para ouvi-lo em silêncio e esperar. *Angá*, é a primeira vez que chora por ela, pensou, mas não disse isso, porque Juan não tolerava bem a compaixão. Acariciou os cabelos dele, tão finos e claros, que não haviam escurecido com a idade, como acontece com muitos loiros. Ele se desvencilhou dela com cuidado. Algum dia você vai ter alguém, quis saber, e Tali se deitou a seu lado, acendeu um cigarro, ofereceu-lhe um trago, ele fumou de olhos fechados e rosto molhado, não havia secado as lágrimas. Não, disse ela, você é o meu homem. Mas não tenho a coragem de Rosario. Não faria qualquer coisa por você.

Juan apagou o cigarro no cinzeiro da mesa de cabeceira e beijou Tali; ela, por baixo da nicotina e da verbena, sentiu o sal das lágrimas e o sabor químico da medicação. Vou procurar o Gaspar, disse ele e saiu, descalço e sem camisa, ainda com as pernas salpicadas de lama. Pouco depois Tali o ouviu falar com Gaspar perto da janela do quarto. Continuavam conversando sobre a deusa da noite e seus filhos gêmeos, tão parecidos, a morte e o sono.

* * *

Tali abriu espaço para Juan quando ele se enfiou em sua cama à noite. Tinha deixado Gaspar dormindo na sala: o garoto quis colocar o colchão lá e não em um quarto e não fazia sentido algum discutir, ele podia dormir onde quisesse. Juan havia tomado banho e tinha aquele ar

distante que ela conhecia bem, então não encostou nele. Ele logo adormeceu. Estava de costas para ela. Na semiescuridão, ela conseguia ver a cicatriz que começava nas costelas e terminava nas costas, marca de uma das cirurgias da infância. Na primeira vez que o viu nu, as cicatrizes a impressionaram tanto que ela quase o rejeitou; além disso, era mais velha, o que estava fazendo na cama com um adolescente doente? Foi em Puerto Reyes, em um dos muitos quartos de hóspedes da mansão. Tali recordava aquela primeira vez como algo cuidadoso; ele era virgem e, embora estivesse tão cheio de hormônios como qualquer garoto de sua idade, mantinha certo distanciamento, como se pudesse estudar a situação e evitar a ansiedade adolescente. E, de alguma forma, ele podia. Era a doença, ele lhe explicou mais tarde. Cada coisa que fazia era uma negociação, um cálculo. Como se fosse seu dever cuidar e carregar uma delicada joia de cristal que nunca podia ser deixada de lado, nem mesmo num lugar seguro, e tivesse que se mover com cuidado para não danificá-la, não quebrá-la, pensando antes de cada movimento, sempre na ponta dos pés, sempre se perguntando se aquele gesto brusco seria o acidente, a ruptura final.

Naquele verão, Tali havia sido iniciada na Ordem por Adolfo Reyes, seu pai, e foi convidada para o Cerimonial. Quando viu Juan no lugar de poder, desmaiou. Ninguém percebeu, todos estavam sob algum tipo de transe. O medo não durou muito. Há anos seu pai lhe falava sobre a Ordem e contava as histórias dos médiuns. Mas ela não esperava que o médium fosse Juan. Haviam escondido muito bem, a própria Rosario, tão próxima, escondera durante anos, e Tali entendia por quê.

Pouco mais de um ano depois, Juan foi a Londres para se submeter a uma cirurgia e reencontrar Rosario. Ficou vivendo na Inglaterra por algum tempo, mas o desastre o trouxe de volta. Tali não ficou com raiva quando soube que ele e Rosario estavam juntos, porque sabia que era

assim que devia ser. Apenas chorou ao descobrir. Então tentou esquecê-lo e não conseguiu.

Tali adormeceu ao amanhecer, e, quando acordou apenas algumas horas depois, Juan e Gaspar estavam na cozinha preparando o café da manhã. Colocou um vestido fresco e se aproximou da bancada para ajudá-los. Gaspar lhe disse estamos fazendo coisas gostosas. Por um momento ela pensou por que não. Por que não tomar o lugar de sua irmã e cuidar de seu viúvo e de seu filho.

— Bom dia, meninos — disse.

Gaspar besuntava com extremo cuidado algumas torradas um pouco queimadas, porém perfeitamente comestíveis. Juan disse:

— A proteção do seu templo é uma tragédia.

Lá estava aquele tom depreciativo que ela odiava, aquela superioridade que a irritava.

— Eu não tenho a sua destreza.

— Isso está muito claro. Depois farei o que for necessário.

Gaspar lhe deu uma torrada. Tinha muita geleia, mas Tali a comeu assim mesmo. Juan continuava a preparar o mate. Tali decidiu não discutir.

— Vamos à lagoa mais tarde? — propôs.

— Vamos, vamos! — gritou Gaspar. — Eu já sei nadar.

— Está aprendendo — disse Juan.

— Podemos ir, não há mais palometas.

— O que são palometas?

— São peixes parecidos com as piranhas. Mas eles só mordem, não comem.

Gaspar arregalou os olhos.

— Quem sabe você tem sorte e vê alguma — disse Juan.

— Mas eu não quero ser mordido.

— Não se preocupe com isso, eu cuido de você.

— Posso ver TV?

Tali disse é claro, e levou leite e biscoitinhos para ele na sala. Quando voltou à cozinha, Juan estava sentado à mesa, fumando.

— Você acordou cedo?

— Tento levantar mais cedo, porque Gaspar acorda chorando.

Juan olhou nos olhos dela, e Tali viu uma raiva tão profunda que teve medo. Ele apagou o cigarro em uma xícara, sacou um caderno da bolsa e falou precisamos consertar esse templo. Vamos dar uma volta lá fora, disse ao filho, voltaremos daqui a pouco. O menino assentiu, hipnotizado pelos desenhos animados matinais, apesar de a antena ser muito precária e a imagem estar cheia de riscos verticais e chuvisco. Do lado de fora, Juan ficou de pé por um tempo no jardim de Tali, que era pequeno mas tinha flores de maracujá, crisântemos, dalias, não-me-esqueças, glicínias que se apoiavam em samambaias altas e chegavam até a casa e subiam a parede até o teto, dedaleiras purpúreas que pareciam capuzes e algumas orquídeas penduradas no tronco de um pessegueiro.

Tali seguiu Juan até o templo, que ela fechava com cadeado. Abria-o pouco; quase todos os fiéis vinham fazer suas oferendas em agosto. Quando alguém tinha um pedido especial, visitava-a primeiro, e nesse encontro combinavam uma data para o ritual.

— Quer entrar?

— Agora não.

Juan tinha aberto seu caderno e desenhava com um lápis muito pequeno ou que ao menos parecia pequeno entre seus dedos compridos. Quando desenhava de pé, sempre arqueava o corpo, colocava os quadris para frente e curvava as costas. Não demorou muito tempo: ao terminar, ergueu os óculos escuros para ver melhor se o resultado era satisfatório e secou a testa suada com a camiseta. Então se aproximou da porta do

templo e a tocou, acariciou-a.

— Vem, Tali — disse.

Pediu a ela que segurasse o caderno para poder ver o desenho e tirou um canivete do bolso de trás de sua calça jeans. Fez um corte no dedo médio da mão direita, da ponta até a junta, e deixou a mão pendurada. Quando começou a sangrar o bastante, usou o dedo como lápis para reproduzir na porta branca o desenho do caderno. Tali olhou o selo. Era delicado e tinha a correção geométrica típica de Juan. Somente ao admirar o desenho de proteção, de aparente simplicidade, mas que até mesmo nela causava uma vaga repulsa, Tali se deu conta do silêncio.

— Com isto você nunca mais vai precisar de outra proteção. Pode até deixar a porta aberta. — Ele ficou em silêncio e encarou Tali. — É um selo que me foi dado recentemente.

— Você está pedindo proteção?

Juan olhou para o curativo na mão, sujo de sangue e suor.

— Estou procurando proteção, e eles me oferecem, devagar, como sempre. Você sabe muito bem que ainda não me deram o que realmente quero.

Então, com a mão boa, ele pediu o caderno.

— Se quiser nadar, te faço um bom curativo para você poder entrar na água.

Mais tarde, no banheiro, Tali limpou a ferida, pensando na sujeira daquela porta e na fragilidade de Juan; sabia que, para ele, uma infecção era muito perigosa. Ele a deixou fazer o curativo e apenas pediu que ajustasse melhor a atadura.

— Você está linda — disse quando ela terminou.

— Não fala isso, sabe que eu não gosto.

— Você sempre foi linda. Rosario era bonita, mas você é linda.

— Mas é ela quem você ama, então não me chame disso.

— Ah, mas se apaixonar não tem nada a ver com a beleza.

Tali colocou as mãos na cintura e precisou respirar fundo para não gritar.

— Juancito, você sabe que precisa me avisar antes de vir, porque, se não, acontecem essas coisas.

— Que coisas — disse ele, sentando-se de pernas cruzadas na borda da banheira.

— Acontece que eu nunca me esqueço de você, mas vou levando e estou feliz com minhas plantas, minha casa, meus cachorros, tenho minha cama e há noites em que escuto passos e imagino que é você, mas em outras, vou te dizer uma coisa, eu durmo supertranquila. E de repente você chega com o menino, e eu viro uma idiota, uma idiota, entende, pensando que vocês vão ficar e vamos viver juntos e todas essas bobagens. Penso até, olha só como são as coisas, que minha irmã ficaria feliz se vocês ficassem comigo. Minha pobre irmãzinha querida. Que raiva você me dá, puta que pariu.

Bateram suavemente na porta do banheiro, e Juan disse entra, filho. Gaspar entrou timidamente. Tali ficou de pé ao lado do vaso sanitário e arrumou o cabelo, que estava muito comprido, quase na cintura. Às vezes pensava que estava um pouco velha para aquela juba. Gaspar nem olhou para ela.

— O que aconteceu com o seu dedo?

— Eu me cortei lá fora.

— Com o quê?

— Com uma garrafa quebrada que puseram no galinheiro para que os gatos não entrem.

— Está doendo?

— Não.

— Quando te cortaram aqui doeu à beça. — Gaspar apontou para o

peito.

— Mas não tem nada a ver — respondeu Juan, e Tali viu que ele segurava o riso. — Isso é um cortezinho no dedo. E, além do mais, eu já te expliquei, o que dói no peito é o osso.

— Claro, porque eles serraram o seu osso para te operar.

— Ai, menino, não fale assim — disse Tali.

— Partiram ele, você não sabia? — Gaspar olhou para ela piscando, como se a luz o incomodasse. — Cortaram ele ao meio e depois costuraram de novo. Era para curar o coração, mas acho que não curaram direito.

Juan começou a gargalhar. Ele se levantou para erguer o filho nos braços.

— É que o seu pai é incurável! Você é um monstrinho, está assustando a Tali.

— Eu quero explicar pra ela.

— Eu já expliquei tudo por telefone há um tempão.

— Então eu não preciso explicar.

— Não, você não precisa explicar nada.

— E não vamos nadar?

— Vamos agora mesmo.

Juan beijou Gaspar na testa e pegou a mão de Tali para tirá-la do banheiro, mas ela disse vão vocês, os dois estão doidos. Eu quero me trocar e me lavar um pouco. Não faça drama, sussurrou Juan, e ela fez que não com a cabeça. Precisava de alguns minutos, olhar-se no espelho, pegar o protetor solar e as toalhas, lavar o rosto, limpar o sangue da banheira, esperar até que suas mãos parassem de tremer.

* * *

Vamos no meu carro, disse Tali, eu dirijo. A lagoa ficava perto, e era melhor para tomar banho do que o rio, traiçoeiro naquele trecho, com seus redemoinhos e bancos de areia. O calor era sufocante mas o céu estava limpo, nenhuma nuvem de chuva; talvez mais tarde, mas tomara que não, pensou Tali, a umidade de janeiro podia ser desesperadora. Depois de dar a partida, fez um carinho na perna de Juan; ele havia colocado uma calça de algodão e parecia muito desconfortável no banco do Renault, pequeno demais para ele. Gaspar estava em silêncio no banco de trás, e Tali tentou distraí-lo perguntando sobre os desenhos, mas como não teve resposta, desistiu. O garoto estava de luto, e ela também, e percebeu o quanto era triste aquele ar quente, o forno aberto do meio-dia em suas caras. A mãe dele estava morta. Nada seria suficiente para consolá-lo.

Parou o carro no acostamento e saiu.

— Vem, Gaspar, vou te mostrar uma coisa — disse ela do lado de fora ao menino.

Em frente a uma casa de madeira pintada de azul-celeste, que parecia estar prestes a desabar, havia um grande ceibo em flor. Gaspar desceu mal-humorado do carro, mas prestou atenção nela.

— Esta é a árvore da história que seu pai contou, da indiazinha, Anahí.

O menino se aproximou do tronco e, de baixo, ficou olhando as flores vermelhas.

— Tem um gato no galho.

— Deixa eu ver.

Tali se aproximou e olhou para cima; um gato amarelo dormia esparramado na sombra fresca das folhas. Gaspar continuava sério, e ela se abaixou para ficar da altura dele e olhá-lo nos olhos. A sua mãe continua te amando. Não pode mais estar aqui com você, mas ela te ama

loucamente. Gaspar cobriu o rosto e começou a chorar aos soluços, e Tali o deixou, não olhou para o carro, não quis saber se Juan prestava atenção neles, se estava se aproximando para interrompê-los, se ia se enfurecer por ela fazer seu filho chorar. Ela não vai mais voltar, né?, perguntou-lhe Gaspar, e Tali não queria responder àquela pergunta, mas disse a ele o que devia dizer: não, ela não vai voltar. Você sabia que ela foi atropelada por um ônibus? Sim, você não se lembra que eu fui ao enterro, talvez não, quando a gente está muito triste se esquece das coisas.

— Tem muitos ônibus por aqui, eu não gosto.

Tali percebeu que ele estava morrendo de medo e quis abraçá-lo, mas nada na atitude do menino a autorizava a tocá-lo. Nisso ele se parece com o pai, pensou, são como gatos.

— Aqui nós os chamamos de micros. São diferentes dos ônibus.

Não iria se contentar com isso, mas pelo menos era verdade.

— Vamos nadar?

Não quer ficar longe do pai, pensou Tali, e, surpresa, pegou a mão que Gaspar lhe estendia. Ele continuou calado no carro, mas pelo menos olhava pela janela; antes havia mantido a cabeça baixa. Juan não disse nada, mas acendeu um cigarro e fumou devagar, enchendo os pulmões de fumaça como se o calor não fosse suficiente.

O resto do dia foi tranquilo e silencioso, apesar de as margens da lagoa estarem cheias de gente. Gaspar recebeu muitos aplausos quando conseguiu boiar sem que o pai o segurasse e, apesar de não ter comido muito no almoço, aceitou brincar de fazer poços quando alguns garotos carregando pás e baldes o convidaram. Fiquem por perto, para podermos ver vocês, disse Tali, e os garotos sim, senhora, e se acomodaram a menos de três metros. Juan foi nadar lagoa adentro, e Tali, sozinha, debaixo do guarda-sol, finalmente se acalmou. Já estava pronta para ouvir o que

Juan tinha a dizer. Porque, ela percebia, ele tinha algo a dizer. Juan não era seu amante ocasional. Ela não era uma promessa de rio. Os dois eram membros da Ordem. Eles podiam brincar de se esquecer, mas não por muito tempo.

Gaspar continuava a fazer seu poço, que, segundo a mãe dos outros garotos, que os observava atentamente, parecia uma cratera. O rádio do carro estava ligado e ouvia-se um melancólico *chamamé*, uma mulher gorda caminhava pela margem com um cachorro preto que pulava e a fazia rir, dois homens jovens guardavam suas varas e iscas e peixes na parte de trás de uma caminhonete: seriam preparados na brasa em algum lugar. Tali reconheceu um homem que, dois meses antes, a procurara em busca de proteção e que ela deixara entrar no templo e rezar para o santo, sozinho, e benzera seu esqueleto com vinho e cinzas. Também reconheceu uma senhora que lhe pedira para tirar as cartas, perguntando pela filha: Tali a tinha visto morta, afogada, e contara isso à mulher. Uma das muitas garotas assassinadas pelos militares e jogadas nos rios, os olhos comidos pelos peixes, os pés emaranhados na vegetação, sereias mortas com a barriga cheia de chumbo. Tali não mentia, não dava falsas esperanças. Os pais e mães de jovens desaparecidos pela ditadura a procuravam para, pelo menos, descobrir como haviam morrido, se seu corpo estava em uma vala de ossos ou embaixo d'água ou em um cemitério perdido. A mulher não olhava para ela agora: brincava com uma garotinha. Seria a filha da jovem morta? Lembrou-se daquele entardecer: chovia, o céu estava escuro, e a mulher quis ir embora assim mesmo, sem medo dos raios; Tali a tinha visto correr pela estrada de terra. Tali recolheu as cartas, empilhando-as em seu baralho, e ficou tomando mate, o cinza escuro do lado de fora, vendo o vento agitar o pessegueiro e as árvores ao longe, perto do rio. *Ka'aru*, pensou, precisava falar mais guarani, estava perdendo o idioma, passava tempo demais

sozinha.

Juan voltou, e ela não o viu chegar pela praia; vinha por trás, tinha feito um desvio. Jogou-se ao seu lado, na toalha. Estava tão agitado que, depois de alguns minutos, Tali se assustou.

— Você tem noção da tragédia que seria você adoecer? Sabe o que eles podem fazer comigo? Temos que ir até Corrientes para você ser atendido. *Nde tavy*, caralho.

Juan não conseguiu responder por um tempo, e Tali aproveitou para encará-lo com desaprovação enquanto ele recuperava o fôlego.

— Não faça um escândalo — disse Juan, e bebeu Seven-Up no gargalo.

— Gaspar está brincando com a maior calma do mundo com aqueles garotos.

— Já sei. Precisamos conversar.

— Desde que você chegou precisamos conversar, eu percebi.

— Preciso da sua ajuda.

Juan se sentou de pernas cruzadas e de repente ele não era mais seu amigo nem seu amante, nem mesmo o homem que a deixava brava e por quem estava apaixonada. Era o médium. Tali sabia que as pessoas ao seu redor não conseguiam ouvir o que ele estava dizendo ou, se ouvissem, entendiam coisas diferentes ou pensavam que eles falavam uma língua que desconheciam. Ela percebeu porque o ar em volta deles pareceu tremer e os finos pelos do seu braço se arrepiaram como se, em vez do sol, um pedaço de gelo tocasse sua pele.

Há necessidade de fazer isso? Você já está em segredo e não há ninguém por perto.

Desconfio de todos. Desconfio de mim. Gaspar está preso. Eles querem que ele seja meu herdeiro. Porque herdou a minha habilidade de invocar a Escuridão ou porque vou transferir a minha consciência para o corpo dele

quando chegar a hora. Dessa forma continuarei preso.

Já sabemos isso, por que você está me contando de novo?

Para me organizar. E para te fazer um pedido. Tenho certeza que mataram Rosario. Houve uma briga entre Rosario, a mãe dela e Florence. Foi quando eu estava internado. Rosario pediu que nos deixassem em paz. Disse que não podiam continuar me usando, que eu não queria mais invocar e que nunca entregaria Gaspar para que usassem seu corpo.

Tali sentiu uma tontura. O que ela estava ouvindo era impossível.

Minha irmã estava louca. Angá, como não a impedi?

Para eles é inconcebível que eu me recuse a usar o corpo de Gaspar. Eu disse a eles que usaria, claro. Rosario me contou sobre a briga pouco antes do acidente. Estava furiosa porque fazer o Cerimonial tinha me levado ao limite, mas colocou Gaspar em perigo. Como sempre, eles vão testar novamente se ele é médium, só que desta vez o resultado será positivo.

Você tem certeza disso? Talvez ele seja apenas sensível e nada mais.

Tenho certeza. Se conseguirmos evitar que eles percebam, se conseguirmos fazer com que o teste seja nulo como sempre, só teremos que esperar que ele atinja a idade para que eu ocupe seu corpo e nesses anos tenho certeza de que encontrarei uma forma de afastá-lo deles. Vai demorar, e isso me desespera, mas vou conseguir.

Por que Rosario não te contou isso antes?

Passei meses entrando e saindo do hospital até conseguirem me operar. Ela não teve coragem. Não sei.

Você não a culpa?

Sim, eu a culpo. Eu a culpo e a perdoo também.

Você pode se recusar a invocar?

Não. Eles vão me obrigar. Já fizeram isso anos atrás, quando eu me recusei porque estavam usando prisioneiros como sacrifício, um sacrifício que ninguém estava pedindo.

Tali olhou para as mãos. Ela também não conseguia se esquecer disso, de sua própria cumplicidade.

Ainda usam os sequestrados.

Eu sei, mas não posso enfrentá-los. Ameaçaram quebrar o pacto e ficar com Gaspar, criar Gaspar nos rituais, formá-lo, destruí-lo. Acreditam no que a Escuridão lhes diz. Ouvem, obedecem. E não têm mais ninguém que possa invocá-la. Mercedes está sempre procurando outros médiuns. É sacerdotisa de um deus que a ignora, assim como todos os sacerdotes de qualquer denominação são e foram ignorados por seus deuses. Seu deus fala comigo. Para ela sempre foi uma espécie de maldição ter um oráculo tão pouco confiável. Eu acredito na Escuridão, mas acreditar não significa obedecer. Como posso não acreditar se acontece com o meu corpo? Acontece no meu corpo. O que a Escuridão diz a eles não pode ser interpretado neste plano. A Escuridão é demente, é um deus selvagem, um deus louco.

O que eu quero saber é se você pode se recusar de verdade. Se quiser.

Claro que não, sou um escravo. Sou a boca. A Escuridão pode me encontrar, é uma batalha perdida. Tali, preciso te fazer um pedido. Preciso que trabalhe com Stephen para bloquear Gaspar. Eu faço a minha parte, mas não é suficiente, não mais, estou sozinho. Ontem ele viu uma aparição, e não era qualquer aparição. Imagino que agora começará o crescimento. Preciso que você o proteja deles em Puerto Reyes, que o esconda com a ajuda de Stephen.

Talvez eles queiram que você use o corpo dele.

Ainda faltam anos para isso. Tenho tempo e capacidade de enganá-los. O mais difícil será permanecer vivo. Preciso de tempo. Tempo para criar Gaspar e conseguir uma maneira de afastá-lo da Ordem. Farei o Cerimonial como sempre. Eu sou a porta aberta, não pode ser fechada, mas tenho que proteger Gaspar. Já me tiraram Rosario, por muitas razões, mas sobretudo para me enfraquecer. Tiramos a sua companheira para que ela não possa

ajudá-lo a nos abandonar, para que ela não possa ajudá-lo a parar, em sua traição. Parar não é possível.

E ao dizer isso, Juan afrouxou o isolamento que lhes permitira falar quase sem mexer os lábios e Tali sentiu uma espécie de pequeno turbilhão à sua volta enquanto o sol, a lagoa, as pessoas eram borrados por um brilho dourado, como as miragens da estrada. Juan colocou a mão na testa de Tali, e a visão dela imediatamente voltou ao normal, e a dor de cabeça, que ameaçava ser forte, transformou-se numa palpitação fraca.

— Chega! — gritou, e com um golpe tirou a mão de Juan. As pessoas ao redor olharam para eles, e ela sorriu, fingindo que estavam brincando. Juan estava pálido. Então era verdade. Anos antes, ela se lembrava bem, não lhe custava quase nada gerar energia para falar em segredo. Agora estava usando a última que lhe restava para que ela não se sentisse mal, e isso ela não podia permitir. Tali se culpou por nunca ter aprendido a fazer aquilo também, ele havia se esforçado sozinho. Ela o abraçou para que ele não perdesse o equilíbrio. Não queria que Gaspar os visse se tocando, mas agora era preciso.

— Calma, o que você precisa, me fala o que devo fazer.

— Me deita — disse Juan, bem baixo.

Tali obedeceu e usou a bolsa como travesseiro, para acomodar sua cabeça. Ele levou dois dedos ao pescoço e o massageou gentilmente. Já não estava molhado da água da lagoa: estava encharcado de suor e respirava como se tivesse feito uma corrida. Tali observou Gaspar, que estava entretido construindo alguma coisa com a areia suja, uma estrutura sem forma clara. Os outros garotos a decoravam com galhos e penas. Ela usou uma toalha para secar o suor de Juan, pelo menos no rosto e no peito.

— Se você puder, abra os olhos — disse a ele.

Juan olhou para ela e endireitou a cabeça sobre a bolsa. Ainda não conseguia se sentar. Suas pupilas estavam dilatadas.

— Chama o Gaspar.

— Se ele vir você assim, vai ficar assustado.

— Chame-o.

Gaspar chegou correndo, sujo de água e areia; ajoelhou-se ao lado do pai e perguntou o que ele queria. Nada, disse Juan, quero um abraço. Que tonto, disse Gaspar, e lhe envolveu o pescoço e ficou apoiado sobre o ombro do pai por um tempo, falando do castelo que estavam construindo perto da margem, depois vamos ler histórias de castelos? Na hora de dormir, disse Juan. Agora vou voltar para os meninos. Eles fazem castelos muito mal. Eu imagino. Quero um copo de Seven-Up. Leva a garrafa, divide com eles. Eles se chamam Sebastián e Gonzalo. Bem, leva dois copinhos de plástico, assim não precisam beber todos no gargalo, que é nojento.

Gaspar voltou à sua brincadeira com a garrafa e os copos, e os garotos o receberam comemorando.

* * *

Ficaram até o pôr do sol. Juan mal saiu da cama improvisada que Tali havia montado para ele até que Gaspar pediu para ir à água um pouco mais, antes que anoitecesse, e Juan o acompanhou. Fez o filho nadar com a cabeça fora e dentro da água. Ainda era um crawl básico, mas ele se saiu bem; não conseguia se soltar por muito tempo, mas fazia bem os movimentos.

— Como ele aprende rápido — parabenizou a mãe dos garotos do castelo de areia, quando eles voltavam à praia.

Juan disse que sim, que estava orgulhoso. A mulher, que era jovem,

havia ficado tomando mate com Tali enquanto ele nadava com Gaspar; agora lhes oferecia chipa e pão doce. Isso aqui você adora, disse Juan dando uma chipa ao filho, que, assim que mordeu o pãozinho, sorriu e lembrou: havia comido chipa muitas vezes, anos antes, em Puerto Reyes. Juan também comeu e, antes de vestir a calça, procurou no bolso a medicação. Sem pudor, tomou na frente da mulher; instintivamente, ela lhe ofereceu um copo de soda para ajudá-lo a engolir.

— Nossa, eu admiro você só por conseguir engolir tudo junto; quando um antibiótico é muito grande, eu não consigo, não passa, devo ter algum defeito na garganta.

Juan sorriu.

— É que eu estou muito acostumado.

— Estava dizendo a sua mulher que mais tarde vamos fazer uma *chamameceada* lá perto do balneário do rio, se estiverem a fim. Vai vir mais gente com violões.

— Aqui a polícia não perturba muito quando as pessoas se reúnem — explicou Tali quando Juan olhou para ela com uma expressão de estranhamento.

— E os milicos também não — disse a mulher. — Uns anos atrás eles desmontavam tudo. Mas agora deixam. Estão relaxando. Vocês estão convidados, podem levar o menino também, é bem familiar.

— Você quer ir? — perguntou Juan a Gaspar. — Vão tocar música.

— E você quer?

— Eu estou perguntando a você.

— Sim.

— Você devia descansar — disse Tali em voz baixa, e Juan se aproximou dela, fez um carinho em sua mão e disse não se preocupe, eu sei o que estou fazendo.

— Vai ter empanadas também — disse a mulher para convencer Tali

de vez.

— Viu? Assim você não precisa cozinhar.

— Não seja idiota, Juancito, por favor.

Não ficaram muito tempo. Tali achou as empanadas gordurosas demais, mas Gaspar gostou delas; não é um pouco estranho um garoto que come de tudo?, perguntou a Juan, e ele respondeu que para ser sincero não conhecia outros garotos, mas seu filho sempre havia sido assim, alimentá-lo era a coisa mais fácil do mundo, ele até ficava enjoado de comer sempre a mesma coisa e pedia variações. O baile não engrenava, exceto por alguns casais que se balançavam preguiçosamente ao som de canções como “Puente Pexoa” e “Kilómetro 11”. A noite estava abafada; do outro do lado do rio, depois das árvores, o céu estava limpo, um sinal de que a noite ficaria nublada, e havia um vento que não dava trégua, o vento úmido da tempestade. A mãe dos garotos do castelo de areia os encontrou e lhes ofereceu sopa paraguaia, cuidadosamente cortada em pedaços. A fumaça da churrasqueira trouxe o cheiro da carne, e Tali pediu um trocado a Juan para comprar um sanduíche de linguiça. Quando estava na fila, ouviu as conversas embriagadas dos homens — alguns olhavam para ela com olhos vermelhos; em outro momento, teria ido buscar Juan, mas agora queria evitar qualquer briga. Eles estavam bebendo vinho, vendido por litro, em latas de óleo de carro com as bordas rebitadas para evitar cortes. Para ignorá-los, concentrou-se na música e percebeu que não estavam mais tocando *chamamé*. Ela se virou e, entre a fumaça e a luz fraca de algumas lâmpadas e um lampião, viu uma garota com um rabo de cavalo comprido que cantava uma linda zamba, *tengo miedo que la noche me deje también sin alma, la añera es la pena buena y es mi sola compañía*. Quando reencontrou Juan, que estava sentado num tronco, fumando, ele lhe disse: se ela estivesse cantando isso em outro lugar seria levada presa, todos nós seríamos levados, eles têm

sorte aqui. A garota é muito bonita, você a conhece? Tali deu um tapa na cabeça dele, e seus cabelos loiros caíram no rosto; de repente Juan parecia um adolescente. Não, não a conheço. E nós não vamos ficar para que você a conheça. Você vai me desculpar, querida, mas eu gosto muito mais de *zamba* do que de *chamamé*. *Y en cada vaso de vino tiembla el lucero del alba*, cantava a garota. E, depois de dar boa noite e se apresentar, disse que ia cantar uma canção muito triste de um cantor que estava doente; não revelou o nome do cantor, e Juan disse que devia estar proibido. *No sé para qué volviste, si ya empezaba a olvidar, no sé si ya lo sabrás, lloré cuando vos te fuiste*, dizia a canção, e *qué pena me da saber que al final de este amor ya no queda nada*. Juan disse que não entendia muito de música, era Rosario quem ouvia, mas aquela canção era de Daniel Toro, está proibido, sim, e olha que são canções de amor. Rosario dizia que era uma estupidez proibi-lo porque todas suas canções são breguices, não tinham nada de político.

Breguices, pensou Tali. E ela estava a ponto de chorar por causa de uma daquelas breguices. Rosario, você sempre foi uma bela de uma sem vergonha, *chamiga*, maninha, pensou, como sinto sua falta.

— Sabe, eu não sei se as coisas estão mais calmas ou não. Toda vez que alguém me pede para tirar as cartas, vejo morte, morte, uma montanha de mortes. Sabe o que eu vejo? Uma guerra. Não aqui, no mar, no frio. Não tenho coragem de contar às pessoas, porque não irão mais confiar em mim.

— Tenho certeza de que você tem razão — disse Juan.

Gaspar bocejou. Vamos para a cama, filho? Comeu bem? Sim, a sopa que não é com água é deliciosa. Estava muito bem-feita, admitiu Tali. A garota do violão anunciou que aquela era a última música e, quando Tali deu partida no carro, ouviu “Gracias a la vida”.

— Que corajosa essa menina — disse Juan. — E vamos embora,

porque a Rosario ouvia isso o dia inteiro com Betty e não quero que Gaspar se lembre.

Gaspar já estava dormindo no banco de trás. A estrada até a casa de Tali estava escura e, como era de terra, ela acelerou: havia atolado na lama muitas vezes. No entanto, a tempestade não caía; trovões distantes, relâmpagos e aquela iminência úmida. Quando era pequena, tinha medo de tempestades, mas agora, depois de tantos anos, não se importava mais, a não ser quando o rio enchia. A enchente não chegava a sua casa, que havia sido construída sobre uma colina, porém quase mais ninguém contava com esse luxo.

— Põe ele na minha cama — disse Tali, depois de apagar a luz. — Eu durmo no colchão esta noite. Seu filho precisa de você, dorme com ele.

Juan não discutiu, tirou a roupa de Gaspar e ligou o ventilador. A casa estava fresca. Tali o esperava na poltrona da sala. Nenhum dos dois estava com sono.

— Quer pedir ao santo pela sua saúde?

— Tali, não vai adiantar nada.

— Como você ficou desconfiado, chê, qual é o problema? Deixa eu te ajudar no que posso.

Juan ficou olhando para o teto por um tempo. Lá fora, finalmente começara a chover.

— A maioria dos pacientes que nasceram com um problema como o meu, naquela época em que as cirurgias eram experimentais, vive muito mal. Os que não morreram. Eu sobrevivi, mas nunca me recuperei e tenho complicações constantes. Pode-se dizer que eu tenho sorte.

— Então você vai deixar a morte chegar e pronto?

— Eu tentei e tento me curar de muitas maneiras além da medicina, e elas certamente me ajudaram. Já falamos disso muitas vezes. Não quero

morrer, Tali. Tenho medo. Os que são como eu não morrem. Vão para a Escuridão.

— Isso você não sabe.

— Sim, eu sei. Às vezes escolho não acreditar. Quando acredito, faria qualquer coisa para evitar.

Juan se levantou.

— Vamos ver o santo. Quero que você o coloque debaixo da minha pele. Consegue? Pode me ajudar a viver, pode me dar tempo?

Tali se aproximou de Juan, acariciou suas olheiras inchadas, a barba por fazer. Depois pegou sua mão e o levou para fora de casa.

O templo era simples. O Senhor da Morte, não. Tali havia escolhido para o santuário uma escultura grande, de quase um metro, de prata. Usava um manto preto. Aproximou-se do esqueleto e encheu de uísque um copinho pequeno para oferecer a ele. Depois acendeu três velas vermelhas. Havia muitas outras no templo, e era ela quem precisava acender todas, porque era a guardiã.

— Não se mexe — disse. — Fica aí.

Tali acendeu todas as velas, algumas vermelhas, outras pretas, e colocou diante do santo cravos vermelhos, que ela mantinha em um jarro de vidro branco. Apagou a luz elétrica. O pequeno santuário iluminado por velas fazia o santo prateado tremer, sua capa preta, a foice se sobressaindo. Ao contrário de outras imagens que o representavam com uma coroa, seu São Morte tinha um crânio pelado, sem nenhum adorno. Também não usava capuz. Os olhos da caveira estavam iluminados por dentro por pedras brilhantes que apareciam ou não, de acordo com a chama das velas. E naquela noite elas queimavam como fogueiras. Tali nunca as havia visto ou sentido arder assim.

— Se ajoelha, Juan.

Ele obedeceu, e Tali agradeceu profundamente. Juan não gostava de

cerimônias. Mas ela gostava, assim como sua irmã, e confiava em seu santo. Disse, em voz alta e clara:

Poderoso São Morte,
Eficiente advogado e protetor daqueles
Que te invocam,
Rogo por tua intercessão para que este doente
Recupere rapidamente a saúde.
Poderoso São Morte,
Até que chegue o momento final
Permita que viva plenamente
Para cumprir a missão que lhe foi confiada.
Que assim seja.
Amém.

A luz fazia o santo sorrir, e Tali sorriu de volta, mostrando os dentes, em entendimento mútuo. Então se aproximou dele, tocou seus pés de prata — que estavam quentes por causa do calor do dia — e abriu a caixinha de pau-santo que estava no altar, junto à imagem. Olhou os amuletos. Havia um esculpido em uma bala, benzido duas vezes. Ela mesma o conseguira, no cemitério de Mercedes. Sua mãe lhe indicara onde encontrá-lo. Não queria esse para Juan, havia estado sob a pele de um homem desprezível. Escolheu o seu favorito, aquele que ela pretendia guardar para sempre, mas que agora iria entregar a ele. Era de um estilo diferente. O senhor São Morte estava sentado em uma pedra, com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos apoiando o queixo. Ela amava aquela representação inexplicável.

— Vou colocar o Senhor da Paciência no seu corpo, é o que você precisa. É de osso cristão. Só fica de pé.

Voltou ao altar com o uísque e uma gilete que ela desinfetou com

álcool. O corte, no ombro, devia ter menos de três centímetros, e Tali foi precisa, tentou não cortar muito fundo. A pele de Juan era delicada e imediatamente se abriu. Ela mal levantou a pele — ao contrário de todos os outros devotos em que ela havia enxertado o santo, Juan nem sequer se mexeu nem respirou fundo nem fez barulho algum, estava acostumado ao sofrimento físico — e inseriu cuidadosamente a escultura, que antes ela havia afundado em um copo cheio de álcool, embaixo do corte. Encheu a boca de uísque, cuspiu sobre o corte e disse algumas palavras em guarani. Ela também tinha ataduras limpas e, embora não fosse necessário porque a incisão era muito pequena e com sorte cicatrizaria rápido, fez um curativo.

— Pronto, meu amor — disse Tali. — É o amuleto mais poderoso que eu tenho e o que mais amo. Está vendo a luz? Nunca queima assim, alguma vela sempre se apaga. Desta vez nenhuma se apagou.

— O seu senhor vai ficar com raiva se eu te der um beijo?

— Não — disse Tali, e deixou que ele a beijasse. — Você quer dizer alguma coisa a ele? Se você não oferecer nada, aí sim ele pode se zangar.

Juan se aproximou do altar, colocou um cigarro aos pés do santo e, de joelhos, abaixou a cabeça. Tirou o curativo da mão e deixou cair algumas gotas de sangue num prato que estava diante da escultura. Então Tali se deu conta da enormidade do que havia ocorrido. O sangue de um homem como Juan era um prêmio para seu santuário.

Antes de sair, ele a segurou pela cintura e sussurrou em seu ouvido:

— O seu senhor pode guardar uma coisa? Com a proteção na porta, ninguém poderá entrar para procurar. Quero deixar aqui.

Juan tirou do bolso uma caixinha prateada: Tali já a havia visto e pensava que era uma caixa de remédio para guardar a medicação. Juan a abriu. Dentro havia uma longa mecha de cabelo castanho, trançado e cuidadosamente disposta em espiral. Uma mecha de Rosario, reconheceu

imediatamente. Tali fechou a caixa, disse a ele claro que posso guardar e a colocou atrás do santo, debaixo de seu manto preto.

— Depois do Cerimonial você vem buscar.

Juan não respondeu, e Tali teve o pressentimento de que agora ela era a guardiã daquela relíquia, e que a estava guardando para algo mais ou para mais alguém. Do lado de fora não chovia mais. Tinha sido uma tempestade rápida. Saíram. No caminho de volta, Tali lhe disse:

— Não pensei que você ligasse tanto para o santo.

— Por quê? Eu sempre o respeitei.

— Sim, mas você nunca tinha pedido nada a ele.

— Preciso de toda ajuda que eu puder ter agora.

Sua respiração estava ofegante outra vez. Ela entrou na casa primeiro e espiou o quarto. Gaspar dormia de lado, tranquilo. Não havia pensado no menino, mas, enquanto fechava a porta com cuidado, imaginou-o acordado e sozinho na casa, e agradeceu por aquele sono tão pesado.

— Fiquei com vontade de tomar uísque — disse Juan. Tali preparou dois copos, com gelo.

— Acabei de trazer do Paraguai. É bem vagabundo, mas é uísque, já que você está com desejo. Está doendo?

— O ombro? Não.

— Por que a pergunta? Dói em algum outro lugar?

— Meu dedo está doendo. Minha mão está doendo. Algum inseto me picou nas costas, e essa picada está doendo também.

— Você devia tomar antibióticos, sabe disso.

— Com certeza você tem algum para me dar.

— Tenho porque as pessoas colocam os amuletos e não sabem se cuidar direito, infecciona, e eu não quero que ninguém ponha a culpa em mim.

— Não me dá nada agora. Mais tarde.

— Claro que mais tarde — disse Tali, tirando o vestido molhado e se deitando nua no chão. Juan se deitou a seu lado, e Tali esperou com os olhos fechados até que ele estivesse mais calmo e respirasse com menos dificuldade.

Ela acordou de manhã sozinha, no colchão, na sala. Juan a tinha coberto com um lençol fino e colocara o ventilador perto dela. Tali olhou para o relógio na parede. Seis da manhã. Muito cedo, mas não conseguia mais dormir. Foi até o quarto e observou Juan e Gaspar dormirem. Apesar do calor, estavam abraçados, Gaspar apoiado no peito do pai, o pai com o braço em volta da cintura do filho. Tali, na ponta dos pés, foi buscar a câmera Polaroid que tinha comprado em Assunção. A câmera fazia muito barulho, mas ela esperava que o ventilador, que também era barulhento, abafasse o som do clique. Eles não acordaram quando ela os fotografou, e Tali saiu do quarto para ver a imagem surgir lentamente no papel. A luz da manhã, filtrada pelas cortinas, provocara um efeito especial: os dois pareciam menos pálidos, mais dourados. Juan não gostava de fotos, por isso não tinha intenção de mostrar a ele aquela imagem roubada. Quando o papel secou, ela guardou a fotografia em cima da geladeira, onde ele não a encontraria.

* * *

Juan sentiu a dor do filho como um alarme que o despertou e naquela manhã conseguiu abraçá-lo antes que começasse a chorar, inconsolável, e acariciou seus cabelos até ele se acalmar. Levou Gaspar ao banheiro para lavar seu rosto e o deixou sozinho para que escovasse os dentes. Tali havia feito café da manhã para eles e deixara um bilhete sobre a mesa. Tinha ido à cidade comprar umas coisas de que precisava.

Juan escreveu na parte de trás do bilhete. Obrigado por tudo, fomos

embora, nos vemos em PR. Esquentou o leite para Gaspar, que odiava tomá-lo frio. O garoto tinha subido num banco alto sem encosto e estava sentado. Estava desconfortável, tinha dificuldade em se equilibrar. Juan não disse nada, não pediu que ele se sentasse em uma cadeira, não conseguia falar com ele naquela manhã; sua cabeça latejava, havia sonhado com corredores molhados e paredes com marcas de mão, com a luz negra que mordida.

— Aonde a gente vai?

— Vamos embora.

Gaspar empurrou o leite e cuspiu na mesa. Odiava nata. Não quero mais, é nojento, disse. Juan viu como a raiva endureceu suas mandíbulas, como ele trincava os dentes. Não quero ir, disse Gaspar cruzando os braços. E por que não, pensou Juan. Por que não deixá-lo ali, com Tali, ela que cuidasse de seu filho. Ele poderia visitá-lo de vez em quando. Ou não: dentro de alguns anos ele seria uma lembrança distante e Tali poderia ser sua mãe, seria criado entre os esqueletos e a igreja misteriosa, um garoto do rio que falaria guarani, que pescaria surubis. Noites de pacu grelhado e sexo na areia, os jangadeiros o cumprimentariam. Também podia abandoná-lo na estrada, em algum lugar perto do rio. Ou na porta de um hospital, de uma delegacia. Havia garotos perdidos em todo o país. Garotos roubados, garotos abandonados. Os garotos que eram tirados dos sequestrados. Alguém podia ficar com ele. As adoções ilegais eram uma epidemia. Gaspar tinha sorte, seria aceito de braços abertos: era lindo e não estava ferido, não muito, pelo menos. É claro que o que ele imaginava era impossível. Eles o encontrariam em minutos, estaria desprotegido. Tali era filha de Adolfo e uma iniciada periférica e rebelde, mas fazia parte da Ordem. Gaspar nunca estaria a salvo com ela. Não havia possibilidade de escapar. Podia fantasiar fugas, o que fazia com frequência, mas não apenas seriam pegos como também,

ele precisava admitir, não queria renunciar a seu poder. Com todo seu ódio, seu desprezo, suas ambivalências, sua repulsa pela Ordem, o poder ainda era dele, e ele não possuía muitas coisas. É fácil renunciar quando se tem muito, pensou. Ele nunca tinha tido nada.

* * *

— Anda, vai se vestir.

Juan ficou de pé e disse me obedeça, vai, agora, e quando o garoto se recusou novamente, choramingando e com os braços cruzados, deu-lhe um tapa no rosto com a mão aberta, um tapa que virou seu rosto e o fez cambalear no banco, e finalmente perder o equilíbrio. Gaspar caiu com um golpe seco, de lado, e o banco também caiu no chão, perto dele, mas sem encostar nele. Juan se aproximou ignorando seus gritos, colocou-o sentado com um empurrão e viu a marca vermelha na bochecha e o lábio inchado. A pontada de arrependimento desapareceu quando Gaspar começou a chorar. Cala a boca, disse, e, puxando-o pelos cabelos, obrigou-o a encará-lo, a curvar o pescoço para trás. Sacudiu-lhe a cabeça, os cabelos macios se emaranhavam nos dedos porque o menino suava. Não seja frouxo, não foi nada. Gaspar tentou dizer alguma coisa, a cadeira, o tapa, e Juan o ameaçou de novo com a mão estendida até forçá-lo a parar de chorar. Anda, vai trocar de roupa, repetiu, é a última vez que eu digo. Gaspar obedeceu, correu até o quarto e não fechou a porta. Ia demorar a se vestir, primeiro teria que descarregar socando o travesseiro, gritando eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio, mas isso Juan podia suportar.

O que não conseguia suportar era o sol daquela manhã, o cansaço, a dor constante no peito, que ele não sabia mais se era consequência da última cirurgia, da angústia ou de algum mecanismo do seu corpo que ia

desmontando como um motor velho que irremediavelmente arrancava com cada vez mais dificuldade até o afogamento final.

Aproximou-se do quarto. Carregava nas mãos uma tesoura e um envelope. Gaspar tinha vestido uma bermuda e uma camiseta. Estava sentado na cama tentando fechar as sandálias, mas ainda não sabia como usar o velcro.

— Deixa que eu faço — disse Juan, e Gaspar olhou para ele com os olhos secos. Estendeu o pé para que o pai o ajudasse. Seu lábio estava inchado, mas não sangrava. As sandálias franciscanas eram novas, e a princípio Gaspar as odiava, queria sempre calçar tênis. Talvez as tivesse escolhido para propor uma trégua. É inteligente, pensou Juan.

— Eu não te odeio — disse Gaspar. — Perdão, papai. Você me perdoa?

Juan não respondeu. Com uma tesoura que trouxera da cozinha, cortou uma mecha do cabelo de Gaspar, que olhou para ele surpreso. Juan não explicou nada, continuou cortando e colocou o cabelo no envelope. Depois traçou dois signos no papel: Tali saberia interpretá-los. Eram necessários para proteger Gaspar. Tocou as costas e lembrou que precisava lavar o corte onde Tali havia incrustado o Esqueleto Sagrado sob sua pele. Aquela região e seus ossos. Tantos ossos. Como os ossos do Outro Lugar nos quais Juan não queria pensar, recusava-se a pensar. Rosario lhe dizia que os guaranis, tradicionalmente, enterravam os mortos em panelas de barro e os mantinham por perto, às vezes em suas casas, porque acreditavam que podiam trazê-los de volta à vida. Eles até os guardavam naqueles inofensivos cestos artesanais de palha trançada, que ofereciam nos mercados e na beira das estradas: o cadáver ficava lá até apodrecer e se desfazer. Depois lavavam os ossos e a família os guardava em um recipiente de madeira. Aquelas palhoças antigas deviam feder. Rosario dizia que, em alguns relatos de padres evangelizadores,

falava-se de templos onde esses ossos eram adorados, o esqueleto pendurado em uma rede decorada com penas. O lugar era perfumado, e o padre dizia que aquele esqueleto era um demônio e falava.

— Não esquece a mochila — disse, e se levantou da cama. Foi ao banheiro colocar álcool na ferida; não ardeu. Evitou se olhar no espelho. Depois foi buscar sua bolsa no quarto de Tali. Antes de sair, deixou o envelope com a mecha de cabelo do filho sobre a mesa, para que Tali a usasse. Esperou Gaspar no sol, no quintal da casa.

— O carro vai estar quente?

Juan olhou ao redor. O verde era atroz, lindo, tantos tons que era injusto chamá-los por um nome só. O carro estava estacionado na sombra, debaixo de um salgueiro.

— Um pouco, mas não pegou muito sol, não vai queimar.

— Quando olho para o sol minha cabeça dói. Aquelas flores estranhas aparecem no céu.

— Então não olha.

Juan também via as flores pretas no céu antes de uma enxaqueca. Nisso eles eram exata e estranhamente iguais. Em que mais eles se pareciam — esse era o problema.

Ligou o carro e teve dificuldade em manobrar no cascalho até a estrada. Na curva da saída, viu uma blitz, que estava parando carros e revistando porta-malas: uma longa fila aguardava sua vez. Passou por eles quase sem olhar, fingindo curiosidade, e um dos policiais fez sinal para ele seguir em frente: segurava uma arma como se estivesse prestes a usá-la ou precisasse se defender. Juan acelerou um pouco, não a ponto de o policial pensar que ele estava fugindo, apenas o suficiente para demonstrar que havia entendido sua ordem. Gaspar, no banco de trás, olhou para ele assustado pelo espelho.

— Vem pra frente — disse Juan.

A Ordem nunca havia usado policiais ou militares para sacrifício. A coerência ideológica era impecável, pensou Juan. Sacrificavam apenas aqueles que seus amigos perseguiram e assim os ajudavam. Ele contribuía, mas não se sentia cúmplice. Sentia-se inocente. Ele também era um prisioneiro.

A paisagem agora estava manchada com o rosa das hortênsias, com o reflexo do rio entre os galhos quietos dos salgueiros, e começavam a aparecer as mulheres sentadas à beira da estrada, com seus cabelos compridos, grossos e emaranhados, vendendo cestos de palha, firmemente trançados com tiras vegetais de um verde muito claro e um marrom quase branco, marfim. Estavam em silêncio com seus filhos correndo ao redor e perigosamente perto da estrada. Mulheres e cestos, salgueiros, crianças e cruzes. Gaspar quis saber sobre as cruzes; os meninos morenos e pequenos, desnutridos, não o interessavam. São de pessoas que morreram na estrada, em acidentes. Estão enterrados aqui? Não, são colocadas como lembrança, estão enterrados no cemitério como todo mundo.

Como todo mundo não, pensou Juan, mas era informação demais para aquela manhã. Ao lado da placa que dizia Bella Vista 80 km havia uma enorme cruz branca, decorada com papel crepom rosa, vários rosários e fitas para embrulhar presentes. Uma cruz recente, com a decoração intacta, que ainda não tinha desbotado com o calor ou a chuva. Um morto recente. Quanto tempo faltava para que Gaspar visse algum? Ele estava viajando fechado: não queria ver um atropelado cambaleante na estrada depois de ter visto Rosario na maca de metal do necrotério, os fêmures quebrados que haviam rasgado a pele das pernas e despontavam rosados de sangue, o rosto afundado onde a roda havia passado; parece uma *medialuna*, havia pensado, porque era assim que parecia de onde ele estava, ajoelhado no chão, porque não conseguia ficar

de pé, as feições esmagadas, o nariz destroçado, os olhos em algum lugar do cérebro e a testa e o queixo sobressalentes, formando quase uma meia circunferência perfeita. Ele a cobriu depois de um tempo, depois de acariciar seus braços intactos e suas mãos estendidas. Um médico ou uma enfermeira lhe entregou um saquinho de nylon com os anéis de Rosario e suas caríssimas pulseiras. Juan não se lembrava se a pessoa do saquinho era médico ou enfermeira, homem ou mulher, mas se lembrava de ter lhe perguntado a quem devia ligar. Ele não sabia como continuar. A funerária, o enterro, o que fazer. E ela ou ele havia lhe explicado com paciência e clareza. Juan fez uma anotação mental, mas, antes de qualquer coisa, antes de ligar para Adolfo e Mercedes, de avisar aos guardas e aos advogados, parou um táxi na porta do hospital e deu o endereço da escola de Gaspar. Não conseguiria fazer todos aqueles trâmites sozinho. Entendia que não era seu filho quem deveria acompanhá-lo na organização de um funeral. Entendia que era ele quem devia se encarregar de tudo e depois teria que consolá-lo, explicar a ele com delicadeza a morte da mãe. No entanto, ele não ligava para o que as pessoas normais faziam. Nem Gaspar, nem Rosario, nem ele eram normais.

— Mamãe não tem cruz na rua?

— Não, na cidade não se faz isso.

— Por que não?

— É um costume das estradas.

— Podemos fazer uma para ela?

Gaspar ficou calado, as mãos apoiadas no porta-luvas. Lá fora, as árvores baixas pareciam despenteadas, bagunçadas e definitivamente feias. Juan não ousou ultrapassar o caminhão que o atrasava e fedia a fertilizante. O caminhão dobrou em uma estrada de terra entre as árvores, e a estrada se abriu a jacarandás e ceibos; de repente tudo era

violeta e vermelho, e Juan respirou fundo para controlar as palpitações que sentia no peito e no pescoço.

— Gaspar, pega a água para mim.

O garoto passou para ele a garrafa de vidro cheia de água fresca — que originalmente era de refrigerante, de Crush, que Gaspar adorava. O modesto isopor funcionava bem.

— E isso, o que é?

Juan olhou para onde apontava Gaspar, que tinha voltado para o banco da frente e bebia água gelada no gargalo.

— É um santuário.

Diminuiu a velocidade para ver de qual santo se tratava: não era o Gauchito, porque faltavam os típicos panos vermelhos.

Era San Güesito.

Quem é, quem é?, insistiu Gaspar. É um garoto da sua idade, mais ou menos. Foi morto por uns bêbados. Por quê, ele era mau? Os bêbados eram maus, não ele. Ele morava na rua, era um garoto pobre. Na rua, não, na verdade vivia por aqui, na selva, perto da estrada.

Gaspar ficou pensando, concentrado. Não posso contar a ele a verdade, pensou Juan, não posso explicar que Güesito foi estuprado antes de ser morto. Eram quantos? Não se lembrava, algumas pessoas diziam que eram cinco, outras, dez. Seu corpo havia sido mutilado, e a cabeça, usada em rituais. Foi assim que o encontraram, sangrando e sem cabeça na beira da estrada, fazia mais de vinte anos. Foi enterrado no cemitério de Goya, e seu túmulo estava coberto por todos os brinquedos que não havia conhecido em vida.

— Não quero descer — disse Gaspar.

Juan concordava com ele. Também não gostava de Güesito nem de sua efígie, um boneco moreno e seminu com os olhos pintados num estilo vagamente egípcio, delineados e cegos. Ele tinha curiosidade em